

FORMAÇÃO HUMANISTA NO CURSO DE ADMINISTRAÇÃO: VISÃO DOCENTE NA FACE-UFMG

Israel Bueno Simões (UFMG)¹
Ivan Beck Ckagnazaroff (UFMG)²

Resumo

O objetivo deste artigo é identificar e discutir a visão dos docentes da Faculdade de Ciências Econômicas da UFMG sobre a formação humanista no curso de Administração e, mais particularmente, trazer essa discussão à luz dos conceitos que envolvem tal formação. A pesquisa, de natureza qualitativa, sustenta-se na análise de conteúdo de entrevistas estruturadas realizadas junto a dez docentes do curso de Administração da FACE-UFMG. Os resultados da pesquisa indicam divergências na visão dos docentes quanto à necessidade da formação humanista no curso: para quatro professores, ela é suficiente como se configura nos cursos de Administração em geral, inserida em disciplinas do ciclo básico ou introdutório do curso; para outros seis, ela precisa ser aprofundada, seja na maior inserção de disciplinas das ciências humanas na grade curricular, na inserção de conteúdos das ciências humanas nas disciplinas das teorias da Administração ou ainda em eventos acadêmicos que promovam a reflexão social. Percepções sobre conceitos como os de Universidade, Formação Superior e Docência no Ensino Superior esclarecem os posicionamentos e enriquecem a discussão deste trabalho. Os resultados permitem afirmar que ainda é necessário refletir sobre a formação do Administrador, sobretudo a partir do resgate histórico dos conceitos acima mencionados. A falta de diálogo entre os docentes do curso talvez seja o maior entrave para a convergência de visões em prol da formação do administrador.

Palavras-chave: Administração como profissão, Docência no Ensino Superior, Formação Humanista, Formação Superior, Universidade.

INTRODUÇÃO

O conteúdo da formação superior em Administração tem sido debatido por diferentes linhas teórico-filosóficas. Dentre elas, podemos destacar duas distintas; a primeira, amplamente seguida nas faculdades “com fins lucrativos”, enfatiza a formação tecnicista/profissionalizante, cujo projeto pedagógico visa prioritariamente preparar o indivíduo para as necessidades do mercado; e a segunda, conforme Rodrigues (2007), numa perspectiva dita *humboldtiana*³ de universidade, preza pela formação propriamente universalista, ainda que direcionada para uma carreira ou família de carreiras (RODRIGUES, 2007).

¹ israelbs2011@gmail.com

² ivanbeck00@gmail.com

³ Em 1808, Von Humboldt instituiu na Universidade de Berlim os princípios do que se chamou “modelo *humboldtiano*” de universidade. Esse modelo, fruto do idealismo alemão, considera a pesquisa o objetivo básico da universidade. Diferente do modelo francês, cuja Universidade Napoleônica é concebida fundamentalmente como um serviço estatal para satisfazer a necessidade de formar funcionários públicos, no modelo *humboldtiano* as universidades convertem-se em centros de desenvolvimento científico com grande liberdade acadêmica. (Fonte: HORTALE e MORA, 2004)

II Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

Florianópolis - SC - Brasil (Março/2012)

No conflito entre acadêmicos da área de Administração, não só entre si, mas com sociólogos, filósofos e pedagogos em torno desta discussão, muitas vezes perdem-se os parâmetros que legitimam a revisão do conteúdo do curso; conceitos que vão além das diretrizes curriculares, como os de universidade, de educação superior, das ciências sociais aplicadas enquanto campo de origem das teorias administrativas e até do papel da profissão do Administrador, por mais diversa que ela possa ser. Sem uma reflexão sobre esse universo conceitual em que se situa a formação superior em Administração, a discussão se perde em opiniões calcadas no interesse particular ou em posicionamentos conceitualmente infundados.

Definir o papel da universidade não é tarefa fácil, sobretudo no atual mundo globalizado, onde os interesses em torno dela são conflitantes. Conforme expõe Aduato (2006), a ordem burguesa à frente das grandes corporações necessita não só da força de trabalho, mas de indivíduos qualificados (hoje chamados de “talentos”) que trabalhem para que as curvas de seus indicadores financeiros sejam continuamente crescentes. Assim, a classe dominante recruta nas camadas médias da sociedade aqueles que lhe vão servir de meio para que seus fins sejam atingidos (ADAUTO, 2006), dentre os quais se encontram os administradores profissionais. Não é mistério que haja então sobre as faculdades de Administração a pressão por uma formação focada na construção e atribuição de competências técnicas definidas pelo mercado. E esse discurso encontra fácil adesão nos estudantes, muitas vezes preocupados com a empregabilidade ou em adquirir apenas o conhecimento necessário para um empreendimento pessoal ou empresarial (RODRIGUES, 2007).

Seguindo esse caminho da especialização, o discurso de pesquisadores, professores e alunos, contaminado por uma perspectiva ingênua da formação na área de Administração, pode desvincular a Universidade de seu papel enquanto instituição social que tem compromissos historicamente definidos (PAULA, 2009 e PIMENTA e ANASTASIOU, 2002). Para Morin apud Pimenta e Anastasiou (2002),

“a universidade conserva, memoriza, integra e ritualiza uma herança cultural de saberes, idéias e valores, que acaba por ter um efeito regenerador, porque a universidade se incumbem de reexaminá-la, atualizá-la e transmiti-la. (Ao mesmo tempo em que) gera saberes, idéias e valores que, posteriormente, farão parte dessa mesma herança. Por isso, a universidade é conservadora, regeneradora e geradora. (Tem, pois), uma função que vai do passado ao futuro por intermédio do presente” (da crítica do presente), em direção à humanização, uma vez que o sentido da educação é a humanização, isto é, possibilitar que todos os seres humanos tenham condições de ser partícipes e desfrutadores dos avanços da civilização historicamente construída e comprometidos com a solução dos problemas que essa mesma civilização gerou (MORIN apud e PIMENTA e ANASTASIOU, 2002, pag.162).

O papel do administrador na sociedade atual também eleva o nível de formação necessário ao curso de Administração. Conforme Bresser-Pereira (1966), o administrador profissional passa a ser demandado pelas organizações na medida em que o desenvolvimento econômico, ao longo do séc.XX torna mais complexo a gestão das empresas, “sendo necessário organizá-las em moldes impessoais e formais. Em outras palavras, torna-se necessário burocratizá-las, racionalizar sua administração” (BRESSER-PEREIRA, 1966, p. 90). E é nesse momento que os administradores patrimoniais e políticos, que detém o poder pela propriedade do negócio e prestígio, perdem a razão de ser, transformam-se em obstáculos ao processo de desenvolvimento e acabam sendo substituídos por administradores profissionais. (BRESSER-PEREIRA, 1966).

Bresser-Pereira (1966) destaca ainda que, ao atingir o status de administrador profissional, tal profissão passa a ter uma posição estratégica nas sociedades modernas. Essa po-



II Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

Florianópolis - SC - Brasil (Março/2012)

sição estratégica é assegurada pelo poder econômico de que dispõe, “que deriva do controle que alcançam sobre as grandes organizações econômicas” (BRESSER-PEREIRA, 1966, p. 91; pelo poder político dos administradores profissionais, oriundo, principalmente, “das possibilidades de se organizarem, nas sociedades capitalistas, em poderoso grupo de pressão” (BRESSER-PEREIRA, 1966, p. 92) sobre órgãos do governo, imprensa e meios de comunicação em massa em geral e sobre a opinião pública; e pelo poder que desempenham no processo de desenvolvimento econômico, uma vez que, após a revolução industrial, a figura do empresário perde sua importância, enquanto os administradores profissionais, com amplo poder decisório nas empresas, exercem a “atividade empresarial como parte integrante de suas funções burocraticamente definidas” (BRESSER-PEREIRA, 1966, p. 94).

Deste modo, é fundamental no curso de administração uma formação profundamente humana, não só pela inserção das disciplinas de humanidades na estrutura curricular do curso, mas, sobretudo de uma constante contextualização das teorias e práticas da administração num contexto político, histórico e de relações sociais (PAULA, 2009). Essa formação não anula todas as possíveis deficiências de conteúdo do curso, mas contribui em preparar o futuro administrador para gerir, decidir e criar, nas mais diversas organizações, em direção ao desenvolvimento consciente, socialmente responsável, ético. Não se entenda “responsável” como “legal”, vai além: o desenvolvimento socialmente responsável reconhece os caminhos que, ao longo da história, provocaram as injustiças sociais do mundo atual e busca novas alternativas, mesmo que impliquem em retornos econômicos menores. E sem o conhecimento, a compreensão e capacidade de refletir sobre como se construiu a humanidade de hoje, como ela se organiza e como ela pode ser melhor no futuro, nos diversos contextos sociais e culturais, é difícil acreditar que o profissional administrador fará uso da sua posição em benefício da sociedade. Pelo contrário, atuará em função das organizações capitalistas voltadas para os resultados financeiros, em função dos dirigentes e acionistas que as governam, e em última instância, em função de seus próprios interesses individuais.

Isso não invalida a crescente busca que coordenadores, professores e alunos dos cursos de Administração têm empreendido em solucionar o problema da dissociação entre teoria e prática, fortalecendo a capacidade do curso em preparar o futuro administrador para a atuação no mundo empresarial globalizado. Isso tem se dado nas mais diversas formas, como nas práticas pedagógicas em sala de aula (por exemplo, no estudo de *cases*, metodologias de utilização de situações-problema), nas oportunidades de estágio curricular, nas empresas Junior, nas feiras e eventos de extensão organizados pelas faculdades. No entanto, a atualização que o conteúdo do curso deve sofrer ao longo do tempo deve garantir a qualidade da conexão entre o conhecimento novo e o velho, refletindo sobre as contradições daí decorrentes e socializando esse conhecimento, ou seja, fazendo dele um saber que se continua e se renova, numa permanente reconstrução (TEIXEIRA, 1989). Por isso, a universidade é “conservadora, regeneradora e geradora” (MORIN apud PIMENTA E ANASTASIOU, 2002, pag. 162).

No processo de humanização do curso de Administração, o professor tem um papel crucial, por sua participação na formação dos currículos, pela atuação nos colegiados e coordenações de curso e principalmente, pelo seu papel em sala de aula. Em sua posição de poder, os professores são capazes de fazer do curso de Administração uma experiência educacional mais relevante, para o aluno e para a sociedade, que proporcione uma formação “para” cidadãos atuantes dentro e fora das organizações (“para” e não “de”, já que tal formação se concretiza, obviamente, na congruência de outras “educações” advindas do contexto familiar, social e cultural do indivíduo).

Nesse sentido, propõe-se este trabalho a identificar a formação humanista no curso de Administração na visão dos docentes do curso de Administração da FACE (Faculdade de Ciências Econômicas) - UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais), bem como captar

II Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

Florianópolis - SC - Brasil (Março/2012)

a percepção desses mesmos docentes sobre conceitos e paradigmas que permeiam essa discussão e auxiliam no entendimento do posicionamento dos professores, sendo eles: Administração como profissão, Universidade e formação superior, Formação superior em Administração, Docência no ensino superior e O curso de Administração na FACE-UFMG.

Para cumprir seu objetivo, este trabalho realizou uma pesquisa de natureza qualitativa, entendida como “uma atividade [historicamente] situada que coloca o pesquisador no mundo, consistindo num campo de práticas materiais e interpretativas que tornam o mundo visível” (DENZIN e LINCOLN apud BATISTA-DOS-SANTOS ET AL, 2009). A entrevista estruturada foi a técnica de coleta de dados utilizada. Segundo Fontana e Frey (1994), “Entrevista é uma das mais comuns e poderosas maneiras que utilizamos para tentar compreender nossa condição humana” (FONTANA e FREY, 1994, p.361).

Num primeiro momento, a revisão literária resgata os conceitos básicos que permeiam a formação humanista no ensino superior, especialmente no curso de Administração. Em seguida, busca-se captar e analisar o discurso dos professores sobre a formação humanista na educação superior em Administração. Para esse segundo objetivo foram realizadas entrevistas estruturadas com 10 (dez) docentes do curso de Administração da FACE/UFMG. Os entrevistados foram selecionados de forma intencional e o nº de entrevistados foi definido conforme a conveniência e disponibilidade para este trabalho.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 A administração como profissão

Que os homens se agrupam em organizações de trabalho cooperativo, na esfera pública ou privada, que visa objetivos comuns e enseja relações econômicas, sociais e ideológicas não é um fenômeno exclusivo da sociedade atual, pelo contrário, remonta à Mesopotâmia e o Egito antigos (TORDINO, 2009). Mas a humanidade hoje tem no esforço cooperativo do homem uma verdadeira base fundamental de organização e desenvolvimento e cabe à Administração o planejamento, organização, direção e controle dos recursos envolvidos (CHIAVENATO, 2000).

A natureza da atividade administrativa faz dela uma necessidade em todas as esferas da sociedade:

“Seja nas indústrias, comércio, organizações de serviços públicos, hospitais, universidades, instituições militares ou em qualquer outra forma de empreendimento humano, a eficiência e eficácia com que as pessoas trabalham em conjunto para conseguir objetivos comuns depende diretamente da capacidade daqueles que exercem função administrativa. (...) A Administração, como veremos adiante, está sendo considerada a principal chave para a solução dos mais graves problemas que atualmente afligem o mundo moderno.” (CHIAVENATO, 2000, pág. 5).

Conforme destaca Bresser-Pereira (1966), ao atingir o status de administrador profissional, tal profissão passa a ter uma posição estratégica nas sociedades modernas. Essa posição estratégica é assegurada pelo poder econômico de que dispõe, “que deriva do controle que alcançam sobre as grandes organizações econômicas” (BRESSER-PEREIRA, 1966, p. 91); pelo poder político dos administradores profissionais, oriundo, principalmente, “das possibilidades de se organizarem, nas sociedades capitalistas, em poderoso grupo de pressão” (BRESSER-PEREIRA, 1966, p. 92 e 93) sobre órgãos do governo, imprensa e meios de comunicação em massa em geral e sobre a opinião pública; e pelo poder que desempenham no

II Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

Florianópolis - SC - Brasil (Março/2012)

processo de desenvolvimento econômico, uma vez que, após a revolução industrial, a figura do empresário perde sua importância, enquanto os administradores profissionais, com amplo poder decisório nas empresas, exercem a “atividade empresarial como parte integrante de suas funções burocraticamente definidas” (BRESSER-PEREIRA, 1966, p. 94).

Chiavenato (2000) destaca a relevância deste profissional na atualidade, e reflete sobre a abrangência de sua atuação:

“Não que o administrador seja um herói que pretendamos consagrar, mas ele é um agente – não só de condução, mas também de mudança e de transformação das empresas, levando-as a novos rumos, novos processos, novos objetivos, novas estratégias, novas tecnologias e novos patamares; é ele um agente educador no sentido de que, com sua direção e orientação, modifica comportamentos e atitudes das pessoas; é ele um agente cultural na medida em que, com o seu estilo de Administração, modifica a cultura organizacional existente nas empresas. Mais do que isso, o administrador deixa marcas profundas na vida das pessoas, à medida que lida com elas e com seus destinos dentro das empresas e na medida em que sua atuação na empresa influi no comportamento dos consumidores, fornecedores, concorrentes e demais organizações humanas.” (CHIAVENATO, 2000, pág. 11).

Os administradores dividem a gestão das organizações com engenheiros, economistas, contabilistas, médicos entre outros profissionais, geralmente ligados ao negócio da empresa em suas especialidades, mas é interessante notar muitos destes profissionais de nível superior retornar aos bancos universitários para cursarem Administração, seja no nível da graduação, pós-graduação ou de uma especialização. (CHIAVENATO, 2000).

Apesar do gerenciamento não ser exclusivo dos administradores, os administradores são quase que exclusivos da gestão como área de atuação. Eles ocupam grande parte dos cargos de supervisão, gerência e diretoria das instituições. E o número de profissionais de Administração no mercado não é pequeno: observando apenas o número de estudantes da área, segundo dados do Censo da Educação Superior ⁴divulgados em 2009, o curso de Administração representa 17,1% de todos os universitários de cursos presenciais no Brasil com mais de um milhão de estudantes.

Ao adentrarem no mercado atual, os administradores se deparam com grandes desafios e incertezas. Sobretudo na esfera privada, há a necessidade de “fazer com que as coisas sejam realizadas da melhor forma, com o menor custo e com a maior eficiência e eficácia” (CHIAVENATO, 2000, pág.11), o que não é tarefa fácil num ambiente de alta competitividade e riscos, caracterizado por uma “infinidade de variáveis, mudanças e transformações carregadas de ambigüidades e de incertezas” (CHIAVENATO, 2000, pág.12). Os administradores “‘generalistas’ e dotados de habilidades genéricas e variadas terão perspectivas mais promissoras do que os administradores ‘especialistas’ e concentrados em poucas habilidades gerenciais”. (CHIAVENATO, 2000, pág. 13).

Na sociedade contemporânea, da era pós-industrial, as tecnologias se diversificam rapidamente e introduzem novos instrumentos e processos nas organizações, ou seja, novas possibilidades. As grandes corporações, mais do que nunca, se utilizam dos meios de comunicação de massa para aumentar sua influência ambiental e visibilidade, criando tendências, espalhando ideologias e definindo modos de vida. Neste contexto, a relevância das intenções, decisões e ações dos que ocupam os cargos de poder dessas empresas toma novas proporções, dentre os quais se encontram os administradores profissionais.

Se milhares de jovens estão sendo direcionados todos os anos, através dos cursos superiores de Administração a desempenharem este papel profissional e social, vem à tona

⁴ Disponível em: <http://educacao.uol.com.br/ultnot/2009/11/27/ult105u8936.jhtm>. Acesso em 20 de Nov.2011

II Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

Florianópolis - SC - Brasil (Março/2012)

uma reflexão necessária e urgente não apenas sobre a profissão do administrador em suas variadas formas, mas, sobretudo da formação que estes indivíduos recebem nas (também milhares) de instituições de ensino de Administração no mundo.

2.2 Universidade e Formação Superior

A universidade pode ser definida como uma instituição educadora cuja finalidade é o permanente exercício da crítica, que se sustenta na pesquisa, no ensino e na extensão. Ou seja, ela produz o conhecimento “por meio da problematização dos conhecimentos historicamente produzidos” (PIMENTA E ANASTASIOU, 2002, pag.162), das estruturas sociais construídas na história e das novas necessidades sobre as quais a educação deve refletir e gerar soluções. A universidade tem, assim,

“uma função que vai do passado ao futuro por intermédio do presente (da crítica do presente), em direção à humanização, uma vez que o sentido da educação é a humanização, isto é, possibilitar que todos os seres humanos tenham condições de ser partícipes e desfrutadores dos avanços da civilização historicamente construída e comprometidos com a solução dos problemas que essa mesma civilização gerou” (MORIN apud e PIMENTA e ANASTASIOU, 2002, pag.162).

“Em sua relação com a sociedade, a universidade desempenha papel de antagonismo e de complementaridade” (PIMENTA e ANASTASIOU, 2002, pag.162), ou seja, conserva, mas também transforma o conhecimento.

“Não se trata de apenas modernizar a cultura, mas de culturalizar a modernidade. A universidade conclama a sociedade a adotar sua mensagem e suas normas: ela introduz na sociedade uma cultura que não é feita para sustentar as formas tradicionais ou efêmeras do aqui e agora, mas está pronta para ajudar os cidadãos a rever seu destino hic ET nunc. A Universidade defende, ilustra e promove no mundo social e político valores intrínsecos à cultura universitária, tais como a autonomia da consciência e a problematização, o que tem como consequência o fato de que a investigação deva manter-se aberta e plural, que a verdade tenha sempre a primazia sobre a utilidade, que a ética do conhecimento seja mantida (MORIN apud PIMENTA E ANASTASIOU, 2002, p.163).

Tobias (1969), em seu livro “Universidade: humanismo ou técnica?” faz importantes considerações sobre a universidade. Em sua perspectiva, a universidade é “a escola dos futuros líderes da libertação econômica e cultural” (TOBIAS, 1969, pág.3). Ao defender uma filosofia de universidade que preceda a ciência e técnica, Tobias afirma que “Os destinos de cada povo jogam-se em suas universidades. Estruturar, por conseguinte, a Filosofia da Universidade é trabalho patriótico” (TOBIAS, 1969, pág.7). Desta filosofia frutificaria a definição da universidade, suas finalidades hierarquizadas (investigação, docência, profissão etc.) e a causalidade (papel de professores, alunos, estrutura, etc.). Tobias ainda pontua que “a Universidade, por etimologia e por definição, deve ser o reino, não da unilateralidade, nem mesmo da pluralidade, mas sim da universalidade.” (TOBIAS, 1969, pág.9).

A universalidade, na visão de Tobias (1969), é a essência histórica e filosófica da universidade, que se incumbe da investigação do saber, do cultivo da ciência por si mesma, da procura pela verdade. E a verdade “nada mais é do que o próprio ente enquanto se refere à inteligência” (TOBIAS, 1969, pág. 116). Ou seja, só é possível ao docente lecionar determinada disciplina porque ele já conhece a verdade e o ente desse conteúdo. Então, antes de tudo, ele ensina a verdade. A noção de ente é uma intuição intelectual, empírica, mas que passou



II Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

Florianópolis - SC - Brasil (Março/2012)

pelo crivo da dúvida e da crítica que tudo mudaram e a elevaram ao nível da ciência. (TOBIAS, 1969).

Em oposição a esse conceito, no entanto, o acordo pós-moderno, que suspeita das metanarrativas e totalidades, ou seja, das universalidades, exalta a pluralidade sem problematizá-la, ou seja, sem um embate entre as idéias diversas em prol da construção do conhecimento. (CONNOR, 2004). “A condição pós-moderna (...) manifesta-se na multiplicação de centros de poder e de atividade e na dissolução de toda espécie de narrativa totalizante que afirme governar todo o complexo campo da atividade e da representação sociais.” (CONNOR, 2004, pág. 16). É notável, segundo Connor (2004)

“o grau de consenso no discurso pós-moderno quanto ao fato de já não haver possibilidade de consenso, os anúncios peremptórios do desaparecimento da autoridade final e a promoção e recirculação de uma narrativa total e abrangente de uma condição cultural em que a totalidade já não pode ser pensada.” (CONNOR, 2004, pág. 17)

Nesse sentido, o discurso da pluralidade por si mesma ganha força muitas vezes não em prol da universalidade, mas da pura aceitação, o que torna ultrapassada a “universidade abstrata, cujo perfil pairasse acima do mundo”. (ROHDEN, 2002, pág. 92). Rohden (2002) ainda afirma que “A concretude do cotidiano impõe indubitavelmente parâmetros de modéstia e de convite à inventividade que os tempos do início do século 21 exigem.” (ROHDEN, 2002, pág. 92).

Ao refletir sobre a “conduta metódica, com racionalização, com disciplina, com autocontrole, estabelecendo ordem e contenção na espontaneidade” (ROHDEN, 2002, pág.89) que as “luzes” do iluminismo trouxeram à ciência histórica, Rohden (2002) tece críticas à universidade contemporânea. Para ele,

“No século XX – em particular na segunda metade -, o itinerário do Estado e a fragilidade das sociedades levaram ao surgimento de um ceticismo crescente quanto à possibilidade de qualquer instituição que seja (e ainda menos de indivíduos) poder conduzir evoluções socioculturais complexas e levar os homens (ou a humanidade, no sentido do coletivo singularizado) a uma práxis histórica efetiva como sujeitos conscientes da ação no tempo. A história, com sua chamada à consciência clara dos percursos reais dos homens e de suas sociedades, contribuiria com o ‘roteiro’ de construção da identidade e com o ‘porto-seguro’ nos vendavais das transformações valorativas, econômicas e políticas.” (ROHDEN, 2002, pág. 90).

Pelo exemplo da ciência histórica, os discursos plurais deveriam passar pelo método da comparação, pois

“o discurso científico da história segue as regras da crítica das fontes, da análise e da interpretação. Se estas regras admitem interpretações e resultados verossímeis concorrentes, com fundamento no mesmo estoque de fontes, isso não quer dizer que qualquer discurso seja admissível”. (ROHDEN, 2002, pág. 90 e 91).

No cruzamento da universalidade com as reflexões filosófica, social e política, “constitui-se o espaço analítico e gerador de um sentimento, de uma percepção, de um agir tendente a instituir uma convergência humanitária”. (ROHDEN, 2002, pág.91)

Esta reflexão, no entanto, se ainda é viva dentro da universidade no âmbito das pesquisas, tem deixado a sala de aula da graduação. Paula (2009), ao pensar no fenômeno da semiformação de administradores e sua relação com o conceito de indústria cultural, afirma

II Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

Florianópolis - SC - Brasil (Março/2012)

que “os processos sociais da maioria das salas de aula não estimulam o sentido de comunidade dos estudantes (PAULA, 2009, pág.171), pois “a coletividade e solidariedade social ameaçam estruturalmente o capitalismo”. (PAULA, 2009, pág.171). Para Paula (2009), cria-se um ciclo em que professores imersos na “racionalidade tecnocrática estéril”, submetidos a um “analfabetismo conceptual e político” e os alunos comportam-se muito mais como funcionários que como estudiosos (GIROUX apud PAULA, 2009, pag.171).

“Embebida em uma lógica tecnocrática, o processo de ensino fica relegado às questões supérfluas e suposições do senso comum, não se questionando sobre as relações que medeiam professor e alunos. ‘Nesta circunstância, a aprendizagem degenera num eufemismo de um modo de controle que mais impõe do que cultiva significado’ (Giroux, 1997, p. 48). Quanto mais se pressiona para que se retire a educação do âmbito da política e da cultura, mais os professores se vêem pressionados “para que se tornem escravos de um poder corporativo, ou especialistas não comprometidos irmanados com a essência de um profissionalismo acadêmico renascente e degradante” (GIROUX apud PAULA, 2009, pag.171)

A importância de se pensar o processo de apropriação do ensino pelas relações de poder da sociedade capitalista atual se torna ainda maior quando se considera o processo simbólico que a educação enseja na vida dos indivíduos. Severino apud Pimenta e Anastasiou (2002) destaca a educação como “*práxis fecundada pela significação simbólica, resultante da atuação subjetiva*” (SEVERINO apud PIMENTA E ANASTASIOU, 2002, pag.163). Ou seja,

“Ao consolidar a condição humana, contribuindo para sua integração no universo do trabalho, da sociabilidade e dos símbolos, a educação é atravessada por uma intencionalidade teórica, sendo prática simultaneamente técnica, ética e política. Técnica, quando o conhecimento é saber competente para um fazer eficiente, contextualizado e científico, sendo a qualificação técnica do aprendiz processo que se concretiza na formação profissional universitária, indo além do mero treinamento ou reciclagem e superando a busca de simples eficácia técnica e a submissão à lógica opressiva do mercado de trabalho. Política, pois tem que ver com as relações de poder que permeiam a sociedade, advindo daí a importância dos processos educacionais que possibilitam a construção da cidadania com os estudantes, superando o treinamento para a submissão, para a subserviência e para as diferentes formas de dominação. É ética, pois a clareza na opção de conceitos e valores tornam-se em referências básicas para a intencionalidade do agir humano (PIMENTA e ANASTASIOU, 2002, pag.163 e 164).

Reproduzindo estruturas de significados, a universidade opera um processo de institucionalização nos estudantes. Segundo Foucault (2007), a educação pode ser compreendida como uma das possíveis formas de apropriação social dos discursos. Ou seja, todo sistema educacional é “uma maneira política de manter ou de modificar a apropriação dos discursos, com saberes e os poderes que eles trazem consigo” (FOUCAULT, 2007, p. 44). Deste modo, a universidade opera um processo de institucionalização que reproduz práticas e padrões comportamentais próprios da ação institucional, que no caso da Universidade, também está vinculada ao sistema produtivo dominante. “Dito de outra maneira, as instituições de ensino podem adotar práticas letivas e acadêmicas não somente em função de propostas pedagógicas, mas também em resposta às pressões do ambiente institucional no qual estão inseridas” (CARVALHO, COSTA, FARIA e PATROCÍNIO, 2010. p. 3).

II Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

Florianópolis - SC - Brasil (Março/2012)

Ao mesmo tempo, as dinâmicas institucionais a que são submetidos estudantes de Administração se manifestam nos processos de institucionalização perpetrados por organizações, e que envolvem jovens ainda na escola ou recém-graduados:

“Anúncios de estágios universitários, por exemplo, foram classificados por Abreu ET al. (2004) como instrumentos de difusão de discursos institucionais; a análise realizada pelos pesquisadores revelou semântica responsável pela auto-exclusão dos candidatos que não correspondessem ao perfil de quem é 'motivado', 'pró-ativo', 'adora desafios' e tem 'paixão por resultados', qualidades requeridas pelos anunciantes, e que evidenciam tendências isomórficas. O isomorfismo está atrelado à institucionalização: é um processo, conforme Dimaggio e Powell (1983), por meio do qual uma unidade de uma população é forçada a assemelhar-se a outras que enfrentam as mesmas condições ambientais.” (CARVALHO, COSTA, FARIA e PATROCÍNIO, 2010, pag.7).

Ainda segundo Carvalho, Costa, Faria e Patrocínio (2010),

“O ingresso de jovens recém-formados em programas de *trainee* foi percebido por Toledo e Bulgacov (2004, p. 9) como um rito de passagem no qual “o indivíduo aprende, por humilhação e doutrinação, os comportamentos e crenças de seu novo *status*, reforçando a assimilação de uma nova identidade”. A permanência na empresa é garantida em razão do contexto de competição acirrada e de ausência de oportunidades, que provoca uma representação no ambiente de trabalho, na qual se adere, de forma consciente, aos projetos da organização, como meio de preservar posições já conquistadas” (SARAIVA e CARRIERI apud CARVALHO, COSTA, FARIA e PATROCÍNIO, 2010, p. 7).

Ou seja, uma possível formação humana ensejada pela universidade ainda competiria com um processo paralelo de “educação” empreendido por processos seletivos e de integração de estudantes em empresas privadas e por palestrantes e “gurus” do mercado, perpetuando valores, conceitos e visões de mundo que reproduzem a lógica capitalista na construção do presente e futuro profissionais dos estudantes, sem apresentar-lhes alternativas, outros modos de viver, de se posicionar socialmente. Na formação superior em Administração, este fenômeno é ainda mais latente, já que a atenção dos estudantes é disputada por eventos e grupos ligados a inúmeras empresas do setor privado.

Diante desse quadro de intensa ação institucional, cabe aos professores conservar uma atitude reflexiva e crítica, capaz de levar os estudantes a desenvolver, de modo participativo, um conhecimento profissional unido ao conhecimento já institucionalizado, visando à criação de novos conhecimentos (GROHMANN, 2003 e PAULA, 2009).

Deste modo, a formação superior, dentro de seu campo de atuação, possibilidades e limitações, pode contribuir na aproximação entre a sociedade civil e a democracia, facilitando uma cidadania mais consciente e melhor informada, que faz melhores escolhas eleitorais, participa da política e assegura como resultado, que o governo seja mais responsável (PELCZYNSKI, 1984). Para Souza (1980), “a universidade existe em função do meio em que se situa, e não somente como forma de ensino, mas como instrumento de reforma e de mudança de mentalidade” (SOUZA, 1980, p. 35).

O artigo 1º dos anais da Conferência Mundial do Ensino Superior, realizada em Paris em outubro de 1998, determinou como missão da Educação Superior no séc. XXI, entre outros objetivos, os de: educar e formar pessoas altamente qualificadas, cidadãs e cidadãos responsáveis; educar para a cidadania e a participação plena na sociedade, visando construir capacidades endógenas e consolidar os direitos humanos, o desenvolvimento sustentável, a

II Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

Florianópolis - SC - Brasil (Março/2012)

democracia e a paz em um contexto de justiça; contribuir para a compreensão, interpretação, preservação, reforço, fomento e difusão das culturas nacionais e regionais, internacionais e históricas, em um contexto de pluralismo e diversidade cultural; e contribuir na proteção e consolidação dos valores da sociedade.

Já o artigo 2º dos anais da mesma conferência orienta que as instituições de Ensino Superior, seu pessoal e estudantes universitários devem: preservar e desenvolver suas funções fundamentais, submetendo todas as suas atividades às exigências da ética e do rigor científico e intelectual; poder opinar em problemas éticos, culturais e sociais; ampliar suas funções críticas e prospectivas mediante uma análise permanente das novas tendências sociais, econômicas, culturais e políticas, atuando assim como uma referência para a previsão, alerta e prevenção; defender e difundir valores universais: paz, justiça, liberdade, igualdade e solidariedade; e desempenhar seu papel na identificação e tratamento dos problemas que afetam o bem-estar das comunidades, nações e da sociedade global.

O artigo 9º dos mesmos anais ainda destaca a necessidade de se procurar soluções aos problemas da sociedade, ensinar as normas referentes aos direitos humanos e educar sobre as necessidades das comunidades em todas as partes do mundo, incorporando tais reflexões nos currículos de todas as disciplinas, particularmente das que preparam para atividades empresariais.

2.3 Humanidades

A etimologia do termo “humanidades” remete primeiramente ao neologismo *humanitas*, tradução do termo grego *Paidéia* (CHERVEL e COMPÈRE, 1999). “A educação, assim oferecida, se pretende como uma preparação do indivíduo ao seu papel de homem, no sentido pleno do termo” (CHERVEL e COMPÈRE, 1999, pág. 150). A segunda vem da tradição cristã, que distingue a literatura sacra da humana e profana. E o terceiro componente semântico do termo diz respeito aos humanistas, movimento intelectual germinou durante o século XIV e no final da Idade Média e alcançou maturidade no Renascimento (CHERVEL, COMPÈRE, 1999).

Marcellino (1988) relata o momento histórico que fomentou os estudos sociais:

“Uma série de mudanças ocorridas na vida política e econômica da Europa, tais como a ascensão da burguesia, a formação do Estado Nacional, a descoberta do Novo Mundo, a Revolução Comercial, a Reforma Protestante, contribuiu para modificar a mentalidade do homem moderno. O séc. XVIII, principalmente, assistiu a fatos fundamentais que definiram o desaparecimento da sociedade feudal e a consolidação da sociedade capitalista. Um desses fatos foi, sem dúvida, a Revolução Industrial. Iniciada na Inglaterra, nos meados do século, provocou transformações profundas na sociedade européia, tornando problemática a própria sociedade. Trouxe mudanças na *ordem tecnológica*, pelo emprego intensivo e extensivo de um novo modo de produção com o uso da máquina; na *ordem econômica*, pela concentração de capitais, constituição de grandes empresas provocando a acumulação de riquezas; e na *ordem social*, pela intensificação do êxodo rural e conseqüente processo de urbanização, desintegração de instituições e costumes, introdução de novas formas de organização da vida social, e, sobretudo, a emergência e a formação de um proletariado de massas com sua específica consciência de classe” (MARCELLINO, 1988, p. 21).

E completa:

“Antes, as formas estabelecidas da vida social se revestiam de caráter sagrado: era como se o próprio Deus tivesse estabelecido as normas que deveriam

II Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

Florianópolis - SC - Brasil (Março/2012)

reger as ações humanas, o que tornava essas normas, de certo modo, intocáveis. No mundo moderno, uma exigência geral de eficiência, no sentido de encontrar solução para as crises e os problemas provocados pelos novos acontecimentos, fez com que muitas formas de organização social, até então sagradas, passassem a ser vistas como produto histórico e sujeitas a transformações. Desse modo, a validade das normas e das formas de organização social estabelecidas deixa de ser vista como algo de absoluto e indiscutível. Tal atitude secularizada, isto é, alheia às coisas sagradas, favoreceu a difusão de um espírito crítico e da objetividade, diante dos fenômenos sociais” (MARCELLINO, 1988, p. 21).

Sobre o contexto histórico de desenvolvimento das ciências humanas e sociais, Marcellino (1988) esclarece que “Simultaneamente às mudanças ocorridas na vida econômica e social, modificações surgiram nas formas de pensamento, nos modos de conhecer a natureza e a sociedade.” (MARCELLINO, 1988, pág.22). A contribuição de alguns pensadores, a partir do séc. XVI foi fundamental para a formação das Ciências Sociais, como Thomas Morus (1478-1535), Jean Bodin (1530-1596) e Francis Bacon (1561-1626), já no final da Idade Média (MARCELLINO, 1988).

“O emprego sistemático da razão, como consequência de sua autonomia diante da teologia, possibilitou a formulação de uma nova atitude intelectual, o racionalismo, não só em relação aos fenômenos da natureza, mas também em relação aos fenômenos humanos e sociais” (MARCELLINO, 1988, pág.22).

Sobre a formação das ciências sociais, Marcellino (1988) afirma que

“a Filosofia da História foi um fator decisivo na formação das Ciências Sociais. Foram os filósofos da história que tiveram a responsabilidade por uma nova concepção de sociedade como algo mais do que uma sociedade política ou o Estado, possibilitando a distinção entre Estado e sociedade civil. (Bottomore, 1918)”. (MARCELLINO, 1988, pág.22).

Além de história, filosofia e ciência política, as ciências sociais compreendem ainda a antropologia, que se definiu como disciplina durante o movimento iluminista dos séc. XVII e XVIII, cujo objeto de estudo é o homem e a humanidade em sua totalidade; a economia, que estuda as atividades econômicas a partir da teoria econômica, esta produto da economia política do final do séc. XIX; a sociologia, contabilidade, linguística, entre outras.

As ciências humanas, também chamadas de Humanidades, englobam não só as Ciências Sociais, mas também os estudos do ser humano enquanto indivíduo, como a ciência da psicologia. (BUSS e REINERT, 2008). Uma possível definição é trazida por Buss e Reinert (2008):

“As ciências humanas são definidas por Ferreira (1975), como sendo a ciência que estuda o comportamento do homem, seja na sua coletividade ou na sua individualidade, através da psicologia, filosofia, linguística e história” (BUSS e REINERT, 2008, pág.220).

Ainda segundo Buss e Reinert (2008),

“Sartor (2004, p. 141) afirma que no mundo contemporâneo ‘o humanismo tem explicitado a possibilidade de o homem tomar suas próprias decisões numa economia que parece dominar o mundo da política, tal qual hoje as finanças regem o destino da humanidade e das gerações futuras’. Isso constitui um reducionismo da vida humana, por ela deixar-se guiar por fenômenos e-

II Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

Florianópolis - SC - Brasil (Março/2012)

conômicos, onde a formação das pessoas fica submetida às diretrizes do mercado, ao invés dos da vida” (BUSS e REINERT, 2008, p. 220).

Neste sentido, Sartor apud Buss e Reinert (2008) afirma que a educação humanista “consiste em salvaguardar o saber e, por isso mesmo, defender o homem do abuso da técnica, bem como do uso inescrupuloso pelo inculto”. (SARTOR apud BUSS e REINERT, 2008, pág.222).

2.4 Docência no Ensino Superior

Para Pimenta e Anastasiou (2002), “os professores são profissionais essenciais nos processos de mudança das sociedades.” (PIMENTA e ANASTASIOU, 2002, pag. 11).

Entender o pensamento universitário atual é também entender a visão dos professores da educação superior, já que sua atuação é determinante na orientação que os cursos superiores seguem, dentro e fora de sala de aula. Por isso, “se forem deixados à margem, as decisões pedagógicas e curriculares alheias, por mais interessantes que possam parecer, não geram efeitos sobre a sociedade.” (PIMENTA e ANASTASIOU, 2002, pag. 11).

A atuação do professor docente deve ser entendida em seu contexto que, segundo Davel e Souza-Silva (2005), envolve quatro aspectos: o aspecto institucional, já que a universidade é uma organização imersa num sistema de regras, normas, concepções, valores e papéis, que percorrem tempo e espaço; o aspecto legislativo, constituído de leis e diretrizes, além de decretos, portarias e resoluções do Conselho Nacional de Educação; e os aspectos sócio-econômico e profissional, que dizem respeito às transformações sociais e econômicas que definem e delimitam a administração como profissão. (DAVEL e SOUZA, 2005).

Pimenta e Anastasiou (2002) definem de forma clara a natureza do trabalho docente, considerando que a docência se efetiva numa instituição social com os compromissos já definidos neste trabalho. Para as autoras, há três modelos que têm marcado a prática docente institucional: no enfoque *tradicional* ou *prático artesanal*,

“a finalidade do ensino é a de transmitir os conhecimentos diretamente vinculados às habilidades para fazer coisas ou objetos e aos modos, usos, costumes, crenças e hábitos, reproduzindo-os e, portanto, conservando os modos de pensar e agir tradicionalmente consagrados e socialmente valorizados. (...) Esse prisma assume contornos claramente ideológicos nas sociedades com governos neoliberais, para os quais é preciso reduzir os aparelhos estatais de sustentação da escolaridade pública, especialmente das universidades, cujos professores têm experimentado visível redução de sua formação acadêmica e científica.” (PIMENTA E ANASTASIOU, 2002, pag.183).

Já no enfoque *técnico* ou *academicista*,

“o conteúdo do ensino é composto dos conhecimentos científicos e sua finalidade é a transmissão dos conhecimentos elaborados produzidos pela pesquisa científica. Assim, o ensino é compreendido como um campo de aplicação desses conhecimentos, sendo tarefa do professor traduzi-los em um fazer técnico para transmiti-los aos alunos, que aprenderão à medida que introjetarem a verdade científica. (...)” (PIMENTA E ANASTASIOU, 2002, pag.184).

Por fim, no enfoque hermenêutico ou reflexivo,

“o ensino é uma atividade complexa que ocorre em cenários singulares, claramente determinados pelo contexto, com resultados em grande parte imprevisíveis, carregada de conflitos de valor, o que requer opções éticas e políti-

II Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

Florianópolis - SC - Brasil (Março/2012)

cas. O professor, por sua vez, deve ser um intelectual que tem de desenvolver seus saberes (de experiência, do campo específico e pedagógicos) e sua criatividade para fazer frente às situações únicas, ambíguas, incertas, conflituosas nas aulas, meio ecológico complexo. Assim, o conhecimento do professor é composto da sensibilidade da experiência e da indagação teórica. (...)” (cf. Pérez-Gómez apud PIMENTA E ANASTASIOU, 2002, pag.186).

Pimenta e anastasiou (2002) ainda destacam a situação paradoxal em que se encontram os professores em relação à sociedade da informação, da qual espera-se que eles sejam ao mesmo tempo lideranças catalisadoras (aceleradoras) e elementos de resistência. Como catalisadores, cabe aos docentes construir um tipo especial de profissionalismo, no qual promovam um aprendizado cognitivo profundo; comprometam-se com a aprendizagem profissional contínua e ensinem de forma diferenciada aos seus antepassados. Por outro lado, enquanto resistência a essa sociedade, os professores são sociais, emocionais, afetivos, e como tais podem promover a aprendizagem e o comprometimento social e emocional e comprometer-se tanto com o aspecto profissional quanto pessoal (PIMENTA E ANASTASIOU, 2002).

Alcadipani e Bresler apud Paula (2006), analisando a grande expansão do ensino privado no nível de graduação e pós-graduação que ocorreu no Brasil, nas últimas décadas, sugerem que

“muitas instituições não se importam mais com a qualidade da produção ou da formação, mas com os números de cursos, de matrículas e de aprovações. Nesse processo, a tecnologia de *fastfood* é utilizada para padronizar informações e maximizar a quantidade de alunos.” (PAULA, 2006, pag. 11).

Paula (2006) destaca o reflexo deste fenômeno na docência universitária, uma vez que “nas ‘universidades-lanchonete’, professores ‘adestrados’ apresentam ‘receitas de bolo’ e ‘doutrinas sagradas’ dos manuais de gestão.” (PAULA, 2006, pag. 11). Neste contexto da mercantilização das faculdades,

“os professores passam a ser *entertainers* e empreendedores. Como *entertainers*, eles divertem e estimulam suas platéias com casos, piadas e receitas para o sucesso. Como empreendedores, eles administram seu tempo e atividades sempre com foco na maximização dos ganhos pessoais.” (PAULA, 2006, pag. 11).

Carvalho, Costa, Faria e Patrocínio, 2010, ao comentarem sobre a universidade enquanto espaço educacional institucionalizado que estabelece um agrupamento social complexo, advertem que

“Diante desse quadro de intensa ação institucional, cabe, aos professores, conservar uma atitude reflexiva e crítica (SANTOS, 2004), capaz de levar os estudantes a desenvolver, de modo participativo, um conhecimento profissional a ser unido ao conhecimento já institucionalizado, visando à criação de novos conhecimentos (GROHMANN, 2003).” (CARVALHO, COSTA, FÁRIA e PATROCÍNIO, 2010, pag.7).

2.5 Formação superior em Administração

Por ocupar uma posição estratégica na sociedade moderna, os administradores devem receber uma formação cuja disposição primária seja sua conscientização e instrução para

II Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

Florianópolis - SC - Brasil (Março/2012)

fazerem uso de sua posição social não apenas em benefício próprio ou das organizações, mas transformando a sociedade num sistema mais justo e igual. Faz parte dos dilemas éticos da profissão o paradoxo de atuar nas organizações em prol do ideal social, e não cabe à educação superior ajustar-se a uma orientação de mercado que vai de encontro a esse ideal, pelo contrário, ela deve configurar um elemento de resistência.

Para Cunha e Gomes (2009),

“A administração vem trilhando um caminho que – talvez pela necessidade de orientar suas teorias a um contexto pragmático, que evidencie soluções e conduza a ação – teve o avanço de sua teoria calcado nestas bases, o que de saída promoveu uma certa ruptura em sua condição de ciência social. A propagação deste problema ao longo de todo o nosso século é a grande responsável pelo distanciamento e hermetismo da ciência administrativa, e da grande dificuldade de se incorporar os avanços recentes das outras ciências sociais” (CUNHA e GOMES, 2009, p. 2).

Ao comentarem a inserção de disciplinas humanas na estrutura do curso de Administração da FACE-UFMG, Cunha e Gomes (2009) afirmam que

“Nos cursos de ciências humanas e sociais aplicadas, o ciclo básico teoricamente é responsável pela formação em ‘humanidades’ dos alunos, no qual são ministradas cadeiras de sociologia, política, filosofia e economia, correspondendo ao primeiro semestre e centralizadas em outra unidade, a Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, com aulas compartilhadas por alunos de todos os cursos de ciências humanas. Posteriormente o aluno, especificamente o de administração, concentra todo seu curso na FaCE, no que é chamado ciclo profissional. Esta mudança engendra um contexto de ruptura, em que a abordagem imprimida no ciclo básico é amplamente desacreditada pelo novo ciclo, basicamente pelas prerrogativas antiintelectuais e pela perspectiva positivista do pensamento administrativo. A impressão formalizada é a de que o semestre anterior foi desnecessário; reforço por parte de muitos professores, plenos destes posicionamentos cientificistas, acolhidos placidamente por grande parte dos alunos, que, novamente, pela falta de definição *a priori* de uma feição clara do administrador que se objetiva formar, são amplamente receptivos a este rito sumário de descrédito do pensamento social.” (CUNHA e GOMES, 2009, pág. 3 e 4).

Para Cunha e Gomes (2009), há, nesta estrutura, um risco, “em que a abordagem imprimida no ciclo básico é amplamente desacreditada pelo novo ciclo, basicamente pelas prerrogativas antiintelectuais e pela perspectiva positivista do pensamento administrativo” (CUNHA e GOMES, 2009, p. 3).

No artigo “Cursos de graduação em administração: a necessidade de um novo enfoque”, Reinert apud Buss e Reinert (2008) alerta a defasagem social nos currículos, necessitando de profundas mudanças. Para o autor, os cursos de graduação em Administração possuem uma performance de alta especialização, focada em disciplinas eminentemente técnicas e de formação profissionalizante (BUSS e REINERT, 2008).

Numa diretriz ampla de conteúdo, o curso de Administração hoje está inserido, na educação superior do Brasil, na grande área de conhecimento chamada Ciências Sociais Aplicadas. Sendo sociais, os estudos desta área se aplicam sobre a humanidade, na vida social do ser humano e nas relações entre grupos sociais. Já as ciências aplicadas são naturalmente utilitárias, pois buscam formas de aplicar o conhecimento humano para a solução de problemas práticos, sendo importantes no desenvolvimento tecnológico. Deste modo, a união das ciências humanas, ditas sociais, aplicadas à visão holística sobre os empreendimentos humanos, entendidos num contexto ambiental e temporal, deu origem às ciências sociais aplicadas do

II Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

Florianópolis - SC - Brasil (Março/2012)

campo da Administração. Assim a Administração é uma ciência essencialmente humana e social, aplicada ao contexto das organizações.

Sendo a universidade uma instituição social historicamente compromissada com a humanização, a Administração um campo das Ciências Sociais ditas aplicadas e o administrador profissional um indivíduo formador de opinião, que atua de forma transformadora nas organizações e na sociedade em geral, fica nítida a necessidade do conteúdo do curso de Administração oferecer uma formação humana profunda e crítica, não só pela inserção das disciplinas de humanidades na estrutura curricular do curso, mas, sobretudo de uma constante contextualização das teorias e práticas da administração num contexto político, histórico e de relações sociais (PAULA, 2009).

Tal contextualização depende muito do papel exercido pelo professor em sala de aula. Segundo Paula (2009),

“Obstruídos em sua aptidão à experiência (Adorno, 2003), os alunos incumbem-se da tarefa de tornarem-se profissionais melhores através da exaltação da técnica da Administração. Esta é apresentada a eles descolada de um contexto político e histórico. Nessas escolas, os professores preocupam-se, em sua maioria, em ensinar a melhor forma de se fazer marketing, recursos humanos, produção ou finanças. Em nenhum momento, porém, os alunos são desafiados a interrogarem-se sobre os por quês estes conteúdos terem sido os selecionados para sua formação. O que eles buscam construir enquanto relação social? Quem os elegeu como os elementos importantes para o administrador? Em detrimento do quê estes conteúdos são apresentados nas salas de aula?” (PAULA, 2009, p. 160).

Giroux apud Paula (2009) faz um alerta acerca da educação que pode ser aplicado da filosofia de ensino das universidades às práticas pedagógicas de professores em sala de aula: “as escolas deveriam desenvolver jovens para adaptarem-se à sociedade atual assim como está, ou a escola tem uma missão revolucionária de desenvolver jovens que procurarão aperfeiçoar esta sociedade?”. (PAULA, 2009, pág.170).

2.6 O curso de Administração na UFMG⁵

A caracterização abaixo do curso de Administração da FACE-UFMG foi construída a partir das informações do site da faculdade.

O curso de Administração da FACE foi criado em 1952 pela Congregação da Faculdade de Ciências Econômicas, com o nome de Curso Extraordinário de Administração Pública. Em 1954, a Congregação criou, também como curso extraordinário, o de Administração de Empresas. Com a reforma universitária de 1968, os dois cursos fundiram-se no atual Curso de Administração. O curso é oferecido nos períodos diurno (com duração de quatro anos) e noturno (com duração de cinco anos). No último Exame Nacional de Desempenho de Estudantes (Enade), realizado em 2006, o curso alcançou a nota 5 (nota máxima).

O currículo do curso está sendo flexibilizado para oferecer ao aluno possibilidades de elaborar uma trajetória variada, de acordo com os próprios interesses. A versão curricular 2008/1 prevê essa flexibilização, conforme a resolução nº 007/2011, de 20 de junho de 2011, que trás sem seu texto os seguintes procedimentos para integralização de créditos:

- Artigo 1º. Formação Complementar Pré-estabelecida: a Formação Complementar Pré-estabelecida será constituída pelas disciplinas optativas referentes a cada área pré-

⁵ Disponível em: <http://www.face.ufmg.br/portal/>. Acesso em 21 de Nov.2011

II Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

Florianópolis - SC - Brasil (Março/2012)

definida no Projeto Pedagógico do Curso e autorizada pelo Colegiado, visando a formação em uma área de conhecimento específico. O aluno poderá iniciar esta modalidade de formação complementar a partir do 5º período do curso diurno, e do 7º período do curso noturno.

- Artigo 2º. Formação Complementar Aberta: entende-se que a Formação Complementar Aberta é “construída a partir de proposição do aluno, sob a orientação de um docente e condicionada à autorização do Colegiado do Curso” (UFMG-CEPE, 2001, pág. 6). Assim, a Formação Complementar Aberta permitirá “ao aluno a possibilidade de ampliar a sua formação em qualquer campo do conhecimento, com base estritamente em seu interesse individual” (UFMG-CEPE, 2001, p. 6). O aluno poderá iniciar esta modalidade de formação complementar a partir do 5º período do curso diurno, e do 7º período do curso noturno. A Formação Complementar Aberta do Curso de Administração será composta por disciplinas eletivas cursadas em outros cursos de graduação da UFMG, paralelamente ao curso de Administração. As atividades complementares livres, no curso de Graduação em Administração, poderão incluir Iniciação à Pesquisa, à Docência, à Extensão, Participação em Eventos, Estágio não Obrigatório, Discussões Temáticas e Programas da UFMG de Intercâmbio no Brasil e no Exterior, totalizando no mínimo 04(quatro) e no máximo 08 (oito) créditos.

A maioria dos professores que atuam nos cursos de graduação e pós-graduação em Administração está lotada no Departamento de Ciências Administrativas (CAD) da FA-CE-UFMG. O Departamento é dirigido por uma Câmara Departamental, composta por representantes dos professores, dos alunos e dos servidores técnicos e administrativos. A Câmara é presidida pelo Chefe do Departamento.

3. METODOLOGIA

Este trabalho realizou uma pesquisa de natureza qualitativa, entendida como “uma atividade [historicamente] situada que coloca o pesquisador no mundo, consistindo num campo de práticas materiais e interpretativas que tornam o mundo visível” (DENZIN e LINCOLN apud BATISTA-DOS-SANTOS ET AL, 2009). A pesquisa qualitativa mantém o foco nos processos de significado visando à compreensão de indivíduos, grupos, organizações e trajetórias (GOLDENBERG, 1997). Para Quaresma (2005),

“As entrevistas estruturadas são elaboradas mediante questionário totalmente estruturado, ou seja, é aquela onde as perguntas são previamente formuladas e tem-se o cuidado de não fugir a elas. O principal motivo deste zelo é a possibilidade de comparação com o mesmo conjunto de perguntas e que as diferenças devem refletir diferenças entre os respondentes e não diferença nas perguntas (LODI, 1974 apud LAKATOS, 1996).” (QUARESMA, 2005, pag. 74).

Hair, Babin, Money e Samouel, (2005) complementam que, na entrevista estruturada,

“Para cada entrevista, o entrevistador deve usar a mesma sequência e conduzir a entrevista exatamente do mesmo modo para evitar tendenciosidade que possa resultar de práticas incoerentes. Além disso, uma abordagem padronizada assegura que as respostas de diferentes entrevistados sejam comparáveis.” (HAIR; BABIN; MONEY; SAMOUEL, 2005, pag. 163)

II Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

Florianópolis - SC - Brasil (Março/2012)

A coleta de dados se deu a partir de entrevistas estruturadas individuais com dez docentes do curso de Administração da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Minas Gerais – FACE/UFMG, atuando no ensino e pesquisa de diferentes áreas de conhecimento e heterogêneo quanto ao gênero e idade. As entrevistas seguiram um roteiro elaborado pelo próprio autor conforme Quadro 1, garantindo a possibilidade de comparação do conjunto de respostas dos diferentes entrevistados. Para uma melhor compreensão das percepções empreendidas pelos sujeitos, após a realização das dez entrevistas, todas foram integralmente transcritas e as informações categorizadas conforme o roteiro utilizado. Os entrevistados foram selecionados de forma intencional e o nº de entrevistados foi definido conforme a conveniência e disponibilidade para este trabalho.

ROTEIRO DE ENTREVISTA ESTRUTURADA
Fonte: Dados da Pesquisa (2011)
Formação pessoal
Qual foi a motivação do Sr.(a) para enveredar na Administração como campo de estudo e atuação profissional?
Qual foi a motivação do Sr.(a) para seguir a carreira acadêmica?
Administração como profissão
Como o Sr.(a) definiria Administração como profissão?
Cite, por favor, as principais características profissionais que o Sr.(a) considera essenciais para um bom profissional Administrador.
Universidade e formação superior
Como o Sr.(a) definiria Universidade?
Para o Sr.(a), qual o papel da Universidade no processo de educação de um indivíduo?
Como o Sr.(a) caracterizaria a relação da Universidade com a sociedade?
Como o Sr.(a) vê o papel da formação superior frente aos problemas enfrentados pela humanidade atual, como a pobreza, corrupção, preconceito entre outros?
A formação técnica e focada em habilidades e competências requeridas pelas diversas profissões tem alcançado os currículos dos cursos superiores. Como o Sr.(a) vê essa mudança na formação superior, menos universalista e mais especialista?
Formação superior em Administração
A Administração hoje, no Brasil, está inserida no campo de conhecimento das Ciências Sociais Aplicadas. Para o Sr.(a), o que isso indica com relação ao conteúdo do curso?
Para o Sr.(a), o curso de Administração vem incorporando os avanços das ciências humanas e sociais? O Sr.(a) considera essa incorporação relevante?
Na sua opinião, porque outras disciplinas humanas, como a história, línguas estrangeiras ou a psicologia não são, geralmente, incluídas nos currículos de Administração?
Na sua opinião, como a formação humana pode contribuir na atuação do profissional administrador?
O Sr.(a) acredita que seja necessário um maior aprofundamento da formação humana nos cursos de Administração atuais? Por quê? De que forma?
Docência no Ensino Superior
Para o Sr.(a), qual o papel principal do professor no ensino superior?
Na sua opinião, como a relação entre professor e aluno pode contribuir ou prejudicar a formação do estudante universitário?
Como o Sr.(a) vê a relação entre a formação como pessoa e como profissional do docente e como ela interfere no processo de educação?
O curso de Administração na FACE-UFMG

II Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

Florianópolis - SC - Brasil (Março/2012)

O artigo 1º dos anais da Conferência Mundial do Ensino superior, realizada em Paris em outubro de 1998, determinou para a Educação Superior no séc.XXI a missão de educar pessoas, entre outras coisas, para a cidadania e a participação plena na sociedade, visando consolidar os direitos humanos e a democracia. O Sr.(a) crê que o(s) curso(s) de Administração no(s) qual(is) o Sr.(a) ministra cumpre(m) esse papel nos alunos? De que forma?

O Sr.(a) acredita que o curso de Administração no(s) qual(is) o Sr.(a) ministra, em sua estrutura curricular atual, organiza os conhecimentos de forma fragmentada ou de forma integrada, interdisciplinar?

Quais são, em sua opinião, as deficiências de conteúdo do curso de Administração no qual o Sr.(a) leciona, ou possíveis melhorias?

QUADRO 1 – Roteiro de entrevista estruturada

Fonte: Dados da pesquisa (2011)

Para facilitar a análise e comparabilidade dos dados, os professores entrevistados foram enquadrados nos cinco grupos de enfoque das disciplinas do curso de Administração, que são: Teoria das organizações e estudos em Administração, Finanças, Marketing, Produção e Recursos Humanos. Um dos entrevistados não se enquadra atualmente em nenhum desses cinco campos temáticos, já que atua na coordenação do curso e em disciplinas de orientação para o Estágio Supervisionado.

Assim, os dez sujeitos de pesquisa que foram entrevistados podem ser caracterizados conforme Quadro 2:

Docente	Sexo	Idade	Estado civil	Filhos	Formação/titulação principal	Área de atuação/pesquisa
Professor 1	Masc	36	Casado	1	Bacharelado, mestrado e doutorado em Administração	Teoria das organizações e estudos em Administração
Professor 2	Fem	28	Solteira	Não	Graduação em turismo, mestrado e doutorado incompleto em Administração	Marketing
Professor 3	Masc	52	Casado	1	Graduação em Economia, mestrado e doutorado em Administração Pública	Teoria das organizações e estudos em Administração
Professor 4	Masc	33	Solteiro	Não	Graduação em matemática, mestrado e doutorado em Administração	Finanças
Professor 5	Fem	40	Solteira	Não	Bacharelado em Administração, mestrado em Administração pública e doutorado em Ciências Sociais	Teoria das organizações e estudos em Administração
Professor 6	Masc	37	Casado	1	Bacharelado em Economia e doutorado em Economia Aplicada	Finanças
Professor 7	Fem	61	Casada	2	Graduação em Economia e Administração e mestrado em Administração.	—

II Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

Florianópolis - SC - Brasil (Março/2012)

Professor 8	Masc	56	Casado	2	Graduação em Ciências Contábeis, especialização, mestrado e doutorado em Administração	Recursos Humanos
Professor 9	Masc	44	Casado	2	Graduação em Jornalismo. Mestrado e doutorado em Administração	Produção
Professor 10	Masc	50	Casado	2	Graduação em Engenharia civil, mestrado em Administração, PhD em Finanças e doutorado inconcluso em Ciência da Informação	Finanças

QUADRO 2 – Caracterização dos sujeitos de pesquisa

Fonte: Dados da pesquisa (2011)

A entrevista visa à emergência das percepções e reflexões que os docentes entrevistados, do curso de Administração, desenvolvem diante de questionamentos feitos pelo entrevistador, a partir da sua visão de conceitos que, para este trabalho, são fundamentais na discussão sobre a formação humanista no curso de Administração.

A técnica escolhida como ferramenta de análise das entrevistas foi a Análise de Conteúdo. Segundo Hair; Babin; Money; Samouel, (2005),

“Por meio da análise sistemática e da observação, o pesquisador examina a frequência com que as palavras e temas principais ocorrem e identifica o conteúdo e as características de informações presentes no texto. O resultado final é muitas vezes usado para quantificar os dados qualitativos.” (HAIR; BABIN; MONEY; SAMOUEL, 2005, pág. 154).

A pesquisa configura um estudo de caso cujo campo de análise é o grupo de docentes do curso de Administração da FACE-UFMG entrevistados. O discurso dos entrevistados e as conclusões tiradas a partir dos mesmos não necessariamente representa o pensamento predominante dos docentes de Administração, seja na FACE/UFMG ou nas faculdades de Administração em geral, apesar de a pesquisa trazer à tona questões que são discutidas na literatura sobre o tema e que, portanto, são relevantes para se pensar a formação em Administração, gerando reflexões, recomendações e novas possibilidades de investigação.

A escassez de recursos financeiros e restrito dispêndio de tempo também são limitações que podem minimizar as conclusões do estudo. Por parte do entrevistado, pode haver insegurança em relação ao seu anonimato, o que pode levá-lo a reter informações importantes. Para minimizar este risco, cada entrevistado recebeu um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, conforme recomendação do Comitê de Ética em Pesquisa da UFMG.

4. ANÁLISE DOS RESULTADOS

Primeiramente apresentam-se as falas que emergiram dos docentes entrevistados sobre Administração como profissão, Universidade e formação superior, Formação superior em Administração, Docência no ensino superior e O curso de Administração na FACE-UFMG, com alguns comentários, seguidas de discussão.

Para evitar a relação da auto-avaliação que consta no Quadro 1 com as falas, levando à identificação dos entrevistados, a codificação dos sujeitos deixa de ser Professor 1, Professor 2 (...) e passa a ser Professor A, Professor B (...), sendo que o Professor 1 não representa o mesmo entrevistado que o Professor A.

4.1. Administração como profissão

II Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

Florianópolis - SC - Brasil (Março/2012)

De forma geral, houve um desvio nas respostas quanto ao objetivo da pergunta. Alguns entrevistados falaram da Administração como campo de conhecimento, outros sobre o profissional administrador, fugindo de uma definição mais sucinta da profissão enquanto atividade. De certa forma, o ponto comum é que a Administração se dá sobre as organizações e envolve primariamente a gestão de pessoas. É interessante notar o questionamento do Professor C sobre a Administração, que ele considera mais uma prática do que uma profissão em si, inclusive não exclusiva de administradores. Em contrapartida, o profissional administrador é valorizado na afirmação de que “*A administração não é lugar pra amadores, não é lugar pra charlatões*” (Professor H).

Quanto às características que são essenciais para um bom profissional administrador, na visão dos entrevistados, houve grande variação de colocações. Podemos elencar uma série de características citadas, como: *responsabilidade, dedicação, competência, disciplina* (Professor A); *inteligência, flexibilidade, criatividade e bom senso* (Professor B); *capacidade de perceber e ler as pessoas, capacidade de aprender* (Professor C); *culto, curioso, capaz de diálogo, saber se expressar e escrever* (Professor D); *saber ouvir* (Professor E); *habilidade de lidar com gente, de aceitar idéias novas* (Professor F); *capacidade de tomar decisões sob pressão* (Professor G); *ser apaixonado por diversos assuntos* (Professor H); *bom humor* (Professor I); *capacidade analítica, técnica de condução de reuniões* (Professor J) e etc.

Essa grande variedade de características citadas demonstra uma possível dificuldade na formação em uma administração geral dos estudantes, já que todas essas características são pensadas, também, a partir das variadas tarefas que este profissional pode vir a exercer, em função das diferentes organizações em que ele pode atuar. Possivelmente o profissional administrador só poderá perceber e desenvolver todas as características que lhe são requeridas na prática da gestão após sua formação, na experiência prática. Este é um dos fatores que leva à dissociação entre a formação e a prática na Administração, amplamente debatida pelos profissionais e acadêmicos da área.

4.2. Universidade e formação superior

Na definição de universidade, houve uma congruência na percepção da instituição como firmada nos pilares *pesquisa, ensino e extensão* (Professor A). A universidade foi mais associada à liberdade (“*livre pensar*”, “*liberdade de pensamento*”), à diversidade e pluralidade (“*plural*”, “*diversidade de idéias*”, “*abrange o diverso*”). A universidade foi definida também como “*local onde se produz e universaliza conhecimento*” (Professor F), e “*aquela que põe o conhecimento a serviço do universo*” (Professor I). A universidade ainda foi considerada um local onde se abriga diferentes conhecimentos, ou seja, “*você trás diversas visões pra dentro do universo (...) tudo junto ali dentro*” (Professor E). Deste modo, o “universo” ao qual se remete etimologicamente o termo “universidade” é encarado com diferentes interpretações, que demonstram diferentes visões de universidade.

Sobre o papel da universidade no processo de educação de um indivíduo, também não há consenso nas falas: “*fazer com que você seja um agente pensante*” (Professor A); “*inserção desses indivíduos no mercado de trabalho*” (Professor B); “*ajudar a pessoa a ter acesso à instrução*” (Professor E); “*formadora de consciência política*” (Professor F); “*formar recursos humanos com capacitação técnica*” (Professor G); “*formar uma massa crítica*” (Professor I). Percebem-se duas linhas distintas de pensamento: os que defendem a formação universitária de forma mais ampla, compromissada o desenvolvimento do indivíduo; e os que defendem uma formação direcionada ao repasse de técnicas e desenvolvimento de competências profissionais específicas.

II Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

Florianópolis - SC - Brasil (Março/2012)

Na relação da universidade com a sociedade, há um pensamento geral de que a universidade é sustentada pela sociedade, enquanto trabalha por esta última, ou seja, a relação é de troca. Há uma preocupação com o estado dessa relação no presente: “*tem um abismo muito grande (...) entre a universidade, a faculdade e a classe empresarial*” (Professor C); “*Eu fico muito preocupado, por exemplo, quando você vê uma pessoa que fala: eu não sei o que ocorre ali, dentro da universidade, o pessoal só estuda ali dentro?*” (Professor E); “*Está muito longe do ideal*” (Professor G).

Sobre o papel da formação superior frente aos problemas enfrentados pela humanidade, houve extensas explicações por parte dos entrevistados. Os problemas usados como exemplo nas perguntas do roteiro de entrevista (corrupção, pobreza e preconceito) foram considerados problemas “*estruturais da sociedade*” (Professor C) e que são “*pouquíssimos discutidos*” na graduação em Administração (Professor C). Foi destacado que o “*civismo*” (Professor E), que na visão do docente é o comprometimento com as questões sociais deva ser trabalhado pela universidade. O Professor F vê uma “*banalização (...) da diplomação, da titulação (...). Hoje a titulação é símbolo de empregabilidade*” (Professor F). Em contrapartida, numa visão mais desenvolvimentista, outro docente afirma que “*bons profissionais tendem a reduzir essa desigualdade*” (Professor G); há ainda, na mesma linha de pensamento, a fala “*a formação te dá subsídios pra seguir uma profissão, pra criar pilares pra desenvolvimento da sociedade. Então você vai ter médicos pra cuidar da saúde, você vai ter advogados, engenheiros, administradores, pessoas que de alguma maneira vão gerir esse desenvolvimento*” (Professor A). Alguns professores diferenciaram a formação familiar da formação universitária em seus papéis, sugerindo que tais problemas sociais sejam pensados mais a partir da primeira do que da segunda. Talvez pelo fato da “*corrupção*” ter sido o primeiro exemplo citado na pergunta, surgiram algumas respostas neste sentido: “*Isso vai muito da educação, né, não adianta você ter formação (...) não é papel da universidade em si fazer educação (...) geralmente você trás isso de casa. Então essa questão da corrupção, isso depende, a ocasião faz o ladrão.*” (Professor I); “*Eu não vejo relação entre as duas coisas não, está cheio de gente com curso superior que é mal caráter*” (Professor J); “*não acredito que Madre Tereza de Calcutá tivesse diploma de nível superior*” (Professor H).

Sobre uma formação mais técnica e focada em habilidades e competências requeridas pelas profissões, houve duas linhas de pensamento: a primeira, que não desconsidera a importância da especialização, mas destaca pontos negativos: “*vejo com ressalvas esse quadro extremamente instrumentalizado*” (Professor B); “*quando você foca demais na questão do tecnicismo, você acaba desconectando muito o aluno da sua realidade social*” (Professor C); “*O risco dessa ‘tecnificação’ é o empobrecimento da formação cultural*” (Professor D); “*hoje nós trabalhamos ou vivemos em função de um paradigma newtoniano-cartesiano (...) a gente precisa sair só da ferramenta e entrar nas causas*” (Professor F); “*posso perder um senso crítico*” (Professor E). E a segunda, amplamente defensora deste processo, que não o considera “*desuniversalizante*”: “*Eu sou a favor disso, você cria um cara crítico e orientado pra resultados, resultado em business é o que? Riqueza da nação, riqueza do acionista, riqueza do proprietário, é isso*” (Professor H); “*para aqueles que tem um perfil de, naturalmente, uma abordagem distinta desta, tudo bem, nós teríamos de ter um curso também com uma ênfase para aqueles que decidissem seguir este caminho*” (Professor J). Um dos docentes defendeu que o processo é inverso, a universidade está mais universalista: “*nossa universidade tem uma diretriz de ter uma formação menos especialista e mais diversificada*” (Professor G); mas ao mesmo tempo, ele destaca: “*paradoxalmente (...) ela não é uma formação humana*” (Professor G). Diferente dessa visão sobre o próprio curso em que leciona é a fala do professor D, que põe em cheque o efeito da universalidade pensada nessa linha discordante: “*no nosso caso aqui [a Administração] é voltada para as empresas privadas no sentido de*

II Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

Florianópolis - SC - Brasil (Março/2012)

formar profissionais que venham contribuir para o fortalecimento ou aprimoramento de tais empresas pra que possam gerar lucro capitalista e ao gerar lucro estão gerando emprego (...) essa coisa não favorece o amadurecimento humano da pessoa” (Professor D).

4.3. Formação superior em Administração

Sobre a formação superior em Administração, primeiramente a inserção do curso no campo das ciências sociais aplicadas é, em geral, igualmente entendida pelos docentes. O professor B destaca que *“O fato de ser uma ciência social aplicada significa que há uma base social para a aplicação, mas não uma aplicação necessariamente do ponto de vista econômico pra ser comercializado ou vendido etc., mas aplicação no sentido de responder a demanda da sociedade qualquer que seja ela.”* (Professor B). O professor C fala de sua dúvida sobre se *“a graduação em gestão faz sentido”* (Professor C), uma vez que há uma grande distância entre a sala de aula e a prática da gestão, e sugere que *“talvez a universidade pudesse ser pensada de um outro jeito, né, em que as pessoas viessem aqui, tivessem uma formação sólida em humanidades, em matemática, em vários domínios do conhecimento e nos últimos anos pudesse ter um foco profissionalizante.”* (Professor C).

Sobre o curso se atualizar em relação às ciências humanas e sociais, houve divergências: o professor B destaca que fez uma pesquisa a pouco tempo sobre o assunto e afirma que *“Os currículos de administração são basicamente os mesmos desde a década de sessenta”* (Professor B); já a professora C afirma que *“as próprias ciências sociais estão em crise”* (Professor C); da mesma forma, o professor G fala que *“se você perguntar pra cinco estudiosos em ciências sociais quais são as grandes mudanças dos últimos anos, talvez você encontre uma interseção entre eles pequena do que é comum, então é difícil dizer.”* (Professor G); o professor H afirma que *“A graduação não.”* (Professor H). Os outros docentes, em geral, concordaram em afirmar que o curso vem acompanhando o avanço das ciências sociais e humanas, apesar das dificuldades e limitações desse processo.

Sobre o porquê de outras disciplinas das ciências humanas não entrarem nos currículos de Administração, a idéia geral é que não há espaço pra isso na grade curricular: *“Aí se você for fazer isso, o currículo vai ficar que tamanho?”* (Professor I). As limitações estruturais, como falta de professores também são colocadas. Apesar da flexibilidade do currículo, que dá a oportunidade aos alunos de Administração de buscarem essa formação humana complementar em outros cursos, algumas falas trazem o alerta da limitação dessa possibilidade: *“Na formação aberta o aluno pode ir lá e puxar matéria na psicologia, problema: a psicologia não vai ter vaga, não vai ter espaço pra um aluno nosso fazer matéria lá, ou vai exigir uma quantidade de pré-requisitos que quase vale a pena o aluno fazer uma graduação na psicologia”* (Professor G). As falas de outros docentes alertam para outros possíveis motivos para a exclusão de conteúdos humanistas do curso de Administração: *“colocando aí a fragmentação que essa geração sofre de internet, mídias, eletrônica, uma atenção muito dividida com os aparelhos eletrônicos, notebook, computador, pra eles é difícil parar e refletir numa história quando tudo parece que está acontecendo hoje e só o hoje tem importância”* (Professor C); *“E aí depois eles vão tomando contato com determinadas ideologias que colocam a utilidade de umas coisas em detrimento da inutilidade de outras, e está completado o serviço.”* (Professor C); *“os professores tem uma formação deles, mestrado e doutorado e a pressão por produção e reflexão cada vez mais profunda na própria área tende a eles um certo distanciamento das outras áreas humanas.”* (Professor D); *“essas outras disciplinas, elas são consideradas disciplinas acessórias, por que? Porque elas não têm o enfoque direcionado, matemático ou de resultado equacionado”* (Professor F). Os professores que discordaram da possibilidade de se fazer essa inserção, em geral, relegaram ao aluno a responsabilidade por



II Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

Florianópolis - SC - Brasil (Março/2012)

buscar a interdisciplinaridade com as ciências humanas: “*Não é necessário que você tenha disciplinas específicas disso, ele tem que ter ‘noções de’.* Se ele quiser, depois, melhorar o conhecimento, ele sai fazendo alguma disciplina.” (Professor I); “você pode aproveitar de outros cursos pra poder galgar sua formação.” (Professor A).

Sobre a contribuição da formação humana na atuação do administrador, algumas falas trataram dos efeitos da formação humana apenas no espaço organizacional de atuação do administrador, e não em outras esferas sociais: “*A idéia de que o indivíduo precisa compreender o que é ser humano, o que é ser humano, enquanto gerente da empresa vai trabalhar com seres humanos, é fundamental.*” (Professor F); “*você tem que ser humanista pra você poder trabalhar*” (Professor I); “*Eu acho extremamente importante porque o administrador, ele lida com pessoas.*” (Professor J). Outras falas destacaram a formação humana como imprescindível a qualquer profissional: “*ele pode ter uma visão um pouco mais crítica ou auto-crítica sobre o papel como profissional dentro da organização e na sociedade e como ator social e político na sociedade.*”. (Professor D).

A última pergunta desse bloco (“O Sr.(a) acredita que seja necessário um maior aprofundamento da formação humana nos cursos de Administração atuais? Por quê? De que forma?”) é essencial para os objetivos deste trabalho: captar a visão dos docentes sobre a formação humanista do curso de Administração. De forma sucinta, seis docentes respondem afirmativamente e quatro negativamente. As respostas podem ser categorizadas em: os que concordam categoricamente: “*Acredito que sem dúvida isso deveria acontecer, inclusive como maneira de problematizar, como eu mencionei, uma legião de administradores sem consciência social.*” (Professor B); “*Eu não tenho dúvidas disso.(...) Agora nós temos o grande desafio da implementação, porque, como eu te falei, os jovens estão vindo muito pouco receptivos a isso*” (Professor C); “*Com toda certeza. Isso daí, claramente, por causa a gente lida com o ser humano, isso é condição muito clara pra mim, me preocupa*” (Professor E); “*Acredito que incluindo disciplinas ou eventos*” (Professor F). Os que concordam com maiores ressalvas: “*Bom esse aprofundamento poderia se dar no início, mas também, dependendo da capacidade de especialização do curso, em disciplinas mais especializadas, como se fosse uma especialização para os alunos*” (Professor D); “*Acho que sim. Mas como eu já disse, não sei até que ponto trazer mais uma disciplina isolada de humanas vai agregar ou vai prejudicar, no sentido tirar outras da grade*” (Professor A). E os que discordam: “*Eu acho que, em termos de conteúdo, eu acredito que não, o curso possibilita ao aluno, na teoria, que tem interesse, se aprofundar, em conteúdos de formação humana*” (Professor G); “*Não, não acho não, vou dar uma resposta aqui constrangedora. Como eu disse pra você, a formação humana, ela é importantíssima vindo de casa, sabe, ela tem que ser obtida em vários lugares. A administração, eu penso que o aluno tem que aprender mesmo é métodos e técnicas de trabalho (...) Então eu aqui não acredito nisso não, aqui é mais ferramental mesmo, é mais instrumental, aqui é mais inteligência, sabe*” (Professor H); “*Não vejo muita necessidade não (...) se quer aprofundar, aprofunda de outra maneira. (...) Como nós temos uma quantidade de horas pra ser aberta, pro aluno fazer a formação dele aberta, ele vai procurar onde ele quiser*” (Professor I); “*Eu acho que não (...) e aí buscar esta formação complementar onde vai lhe parecer mais adequado, acho que é o caminho que a própria universidade já indicou, né, essa idéia de flexibilização curricular (...) Recentemente mesmo, eu tive um caso desse, um aluno de música que veio fazer sua formação complementar aqui*” (Professor J).

Ou seja, a última fala representa muito bem o pensamento da linha discordante desse aprofundamento humanista na formação do administrador como necessário. Nessa visão, a formação humanista mais sólida dos administradores é complementar e é uma escolha que deve vir do aluno. De certa forma, essa formação humanista é considerada por esses docentes mais uma linha de especialização possível dentro da formação superior.

4.4. Docência no ensino superior

Em geral, o professor é entendido pelos docentes como um facilitador, alguém que mostra o caminho ao conhecimento para os alunos. Em outras palavras, o professor deve ser “*provocador*” (Professor H) e “*orientador*” (Professor F). Mas dois docentes, que lecionam na área de Finanças destacam o papel instrutor do professor: “*ele tem que trabalhar a instrução, não é, ter referências, não é, buscar a teoria*” (Professor E); “*Eu não acredito muito nessa história de professor que não pega o aluno (...), sobretudo quando é uma área de conhecimento que o aluno não conhece, e que vai lá pra frente e dá aula, e que tem uma dimensão desse conteúdo que é realmente passada ou transmitida de uma maneira bem, numa concepção bem direta de que eu estudei aquele assunto, o aluno ainda não estudou*” (Professor J). Já em outra fala há posição mais modesta do professor: “*E isso significa basicamente evitar o tão confortável discurso de autoridade, aquele discurso que o professor se impõe, por conta da sua titulação, da sua idade, dos seus cabelos brancos, da sua experiência e convidar o aluno pra ser um parceiro no processo em que nutre. [...] Que ele enxergue o professor como um colega, como alguém que esta ali porque leu um pouco mais do que ele*” (Professor B).

Sobre a relação professor/aluno, há um consenso: “*A relação professor e aluno é a base de tudo.*” (Professor E). Um dos docentes destaca o distanciamento entre professor e aluno na sala de aula: “*vejo que o aluno, ele entra em sala de aula, hoje, ele se distancia, sabe, ele não é uma pessoa presente, junto, o corpo docente e o corpo docente, eles não andam juntos.*” (Professor H). O professor J evidencia uma possível causa desse distanciamento: “*Eu acho que o aluno muitas vezes exige muito do professor e oferece muito pouco em contrapartida. (...) Estudam pouco, exigem muito e muitos alunos consideram-se, sei lá, por alguma razão com uma formação já pronta, estão aqui meio que passando tempo porque já sabem tudo.*” (Professor J).

Sobre a relação entre a formação pessoal e profissional do docente, há respostas variadas: “*Então eu vejo que muitas pessoas vão se encastelando no conhecimento e deixam de lado esse lado mais humano de interação. Eu tenho ultimamente ouvido relatos de alunos a respeito de comportamentos de professores, de orientadores que são absurdamente chocantes, sabe.*” (Professor C); “*Acredito que nós temos dois tipos de professores hoje, no nível superior: temos o chamado professor gerente, que é aquele que trabalha na empresa, vem, trás os conhecimentos, as técnicas, o que ele faz no dia-a-dia; e nós temos o professor educador, o professor educador é aquele que além de conhecer, não tudo da técnica, mas pelo menos o necessário, é aquele que ensina o aluno a refletir sobre aquilo.*” (Professor F); “*Muito difícil responder, eu nunca consegui parar pra pensar nisso.*” (Professor G); “*Não, o professor não faz esta distinção. Porque o que você é, você é o cidadão, você tem casa, você tem marido, você tem esposa, você tem a vida, a sua vida particular. Lá não influencia na sua vida aqui profissional aqui como professor. Você tem que saber separar (...)Sabe, eu não vejo assim nenhuma influência não.*” (Professor I).

4.5 O curso de Administração na FACE-UFMG

Sobre o curso de Administração no qual os docentes lecionam, o curso da FACE-UFMG, várias percepções interessantes foram captadas nas falas dos docentes.

Com relação à primeira pergunta que questiona a abordagem do curso de Administração sobre temas como Democracia e Direitos Humanos, houve certa dificuldade de posicionamento. As falas foram variadas e muitos professor não souberam dar certeza de suas



II Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

Florianópolis - SC - Brasil (Março/2012)

percepções: “*Eu não saberia te informar se o curso tem ou não tem*” (Professor A); “*Parcialmente eu acredito que sim.*” (Professor B). O professor B ainda destaca que “*existem professores extremamente conscientes do seu papel e da necessidade de fomentar a discussão, de problematizar a formação desse aluno (...) e outros que não tem nenhum compromisso nesse sentido, que estão apenas instrumentalizando ou entregando pros alunos aquilo que eles querem*” (Professor B), demonstrando a dependência que esse tipo de abordagem tem das iniciativas individuais dos docentes. Outras falas: “*Parcialmente, na minha opinião. Eu acho que talvez isoladamente, em algumas disciplinas, com alguns professores, em alguns eventos, em algumas situações, mas acho que poderia fazer isso de uma maneira um pouco mais ampla.*” (Professor C); “*Não, muito parcialmente, acho que não. E mesmo que tivesse a intenção seria muito difícil fazer isso, até pela cabeça dos alunos também*” (Professor D). Ou seja, os alunos, como colocado em várias falas, têm influenciado a forma como o conteúdo do curso é trabalhada. Uma fala interessante foi: “*Ele busca cumprir este papel, ele busca (...) os meus alunos, eu exponho eles a buscar informações (...). Eu mostro para eles, por exemplo, na questão de um risco Brasil envolve, principalmente, a credibilidade brasileira num contrato*” (Professor E). Essa fala evidencia uma possível visão fechada do docente em sua própria área de pesquisa e atuação ao tratar de assuntos universais como a Democracia. “*Pros direitos humanos e pra democracia? Não. É muito intangível isso aí, eu não consigo visualizar. (...) Em nenhum documento da universidade que eu tenha lido até hoje, que eu me lembre, eu nunca vi esses dois pilares como diretrizes*” (Professor G). A universidade chega a ser desvinculada da sociedade: “*Pra mim estes são valores da sociedade, não são valores da universidade*” (Professor G). O professor H se esquivou de responder a pergunta: “*De novo, é uma pergunta para a qual eu deveria ter me preparado né. Eu, é claro, quando você faz uma pergunta dessa, eu tenho que dar a resposta padrão: sim, contribui, claro, com certeza. De que forma? Ah, da melhor forma possível, disponibilizando os recursos necessários, os materiais necessários, dando bons exemplos, é assim.*” (Professor H).

Sobre a estrutura curricular do curso, a grande maioria dos professores a vê como fragmentada, devido, principalmente, à falta de diálogo entre os próprios professores: “*Então muitas vezes um professor trabalha um conteúdo com sobreposição do que um outro professor trabalhou ou com um gap, um espaço aí entre o conteúdo que ele trabalha e conteúdo feito anteriormente. É por falta de gestão, por falta de diálogo interno, eu vejo assim.*” (Professor G); “*Eu tenho colega aqui no corredor que eu respeito muito e tudo mais, mas que assim, não agüenta falar sobre métodos quantitativos, ou vice-versa, não agüenta falar sobre métodos qualitativos, ou que o assunto dele é um e ele não tolera outro assunto. Então eu, particularmente, acho que nunca será integrado.*” (Professor H). Apenas o professor I foi categórico em afirmar que o curso é interdisciplinar, entendendo a interdisciplinaridade como a inserção de conteúdos multidisciplinares no curso de Administração: “*Mas o curso é interdisciplinar, todo curso de Administração é interdisciplinar, por mais que você olhe, a gente que trabalha fazendo avaliação de curso de Administração no Brasil inteiro, por mais que você fale assim, ‘este curso é direcionado pra essa área’, mas ele tem a interdisciplinaridade.*” (Professor I).

Sobre as deficiências ou possíveis melhorias do curso de Administração da FACE-UFMG, foram elencados vários aspectos a serem pensados, não apenas sobre o conteúdo do curso, como indicou a pergunta, mas sobre sua estrutura: “*Não há uma regularidade, por exemplo, em matérias optativas*” (Professor A) e “*Eu acho que o curso poderia ter mais optativas*” (Professor D); “*acho que há problemas de conteúdo toda vez que você não problematiza*” (Professor B); “*Eu acho que o curso precisava de mais reflexão sobre qual é a sua identidade*” (Professor C); “*o que eu vejo muito é que nós temos uma forte base em conhecimentos elaborados fora do país*” (Professor E); “*eu acho que administração falta um pouco*

II Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

Florianópolis - SC - Brasil (Março/2012)

de filosofia do direito (...) e coloco mais ainda, se fosse pra ser assim, dentro do que eu penso mesmo, da minha opinião pessoal, falta ainda o estudo da espiritualidade, teológico” (Professor F); “Tá aí, talvez uma deficiência oriunda do nosso corpo docente que não tem nenhum especialista nesta área, na área de comércio exterior, comércio internacional.” (Professor G); “Então eu gostaria de ver um curso com mais solidez e robustez nas suas áreas de competência: recursos humanos, marketing, finanças, produção e de operações e naturalmente a área de organizações em geral” (Professor J).

Alguns professores teceram críticas ao próprio corpo docente: “Os professores precisam conversar mais, os conteúdos precisam estar melhor conectados” (Professor G); “O curso de administração no qual eu dou aula hoje, ele está trabalhando com um corpo docente estrupiado (...) a carga de trabalho é muito intensa (...) alguns docentes, por exemplo, conseguem ser casados com esse negócio aqui, eles acham que o que eles tem que fazer é separar, por exemplo, vamos criar castas: os professores que não conseguem fazer determinado tipo de trabalho vão dar aula só na graduação. Você entendeu, a graduação fica parecendo uma punição pro cara que, por exemplo, que não fez 150 pontos na Capes” (Professor H); “Olha, em termos de conteúdo, eu acho que o que é determinado pra Administração, no curso é coberto (...) E isso depende muito do professor, professor gosta muito de ensinar aquilo que ele gosta. Entendeu, ele não vai ficar fazendo coisas mirabolantes, não, ele vai fazer o que é determinado (...) eu tenho espaço pra falar sobre cidadania (...) O que pode ser que não esteja atendendo é que o corpo docente não quer se envolver com este tipo de coisa” (Professor I).

4.6 Discussão sobre as falas

As diferentes linhas teórico-filosóficas que debatem a formação superior em Administração ficam claras nas falas dos entrevistados: a primeira vê a formação superior como profissionalizante: o curso de Administração existe para oferecer aos seus alunos uma formação técnica e ferramental, especializada nas diversas competências requeridas pela profissão e deve caminhar rumo a essa especialização. Nessa visão, as ciências humanas, como estão inseridas no curso de Administração da FACE-UFMG através de um ciclo básico no primeiro período do curso já cumprem seu papel, sendo seu aprofundamento uma opção do aluno, dentre outras possibilidades de interdisciplinaridade; e a segunda requer da formação em Administração um maior aprofundamento nas áreas humanas e sociais em relação dinâmica atual do curso na FACE-UFMG, destacando, entre outros, a consciência política e o engajamento nos problemas da humanidade como exemplos de frutos a serem colhidos por essa formação. Esse aprofundamento poderia se concretizar de diversas formas: nos conteúdos das disciplinas já previstas no curso, na oferta de disciplinas mais especializadas nas ciências humanas ou mesmo em eventos acadêmicos que promovam a reflexão social.

Em geral, a visão dos entrevistados demonstrou concordância quanto à necessidade de aprofundamento da formação humanista nos cursos de Administração, bem como especificamente no curso de Administração da FACE-UFMG, ratificando a segunda linha de visão das expostas acima. Quatro professores foram firmes em afirmar que não existe essa necessidade. Os motivos são distintos:

O Professor G acredita que uma maior articulação entre professores, esses com alunos e do curso de Administração com outros cursos da universidade, através da flexibilização de currículos já são soluções para uma possível falta de aprofundamento humanista no curso. Porém, ele mesmo destaca em outra fala as limitações dessas alternativas, uma vez que a realidade atual é a falta de diálogo entre os docentes e sua distância dos alunos. Quanto à flexibilização, faltam vagas nos cursos receptores de outras faculdades. Ainda o Professor G

II Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

Florianópolis - SC - Brasil (Março/2012)

reconhece que o curso de Administração não cumpre a missão de educar pessoas para a cidadania, consolidando, por exemplo, os direitos humanos e a democracia, afirmando nunca ter visto qualquer documento da universidade que faça alusão a esses dois princípios como diretrizes. Para ele, estes são valores da sociedade e não da universidade.

Ao negar a necessidade de uma formação humanista no curso de Administração, o Professor G talvez não perceba a oportunidade de inserção maior de uma formação cidadã no curso, já que uma viabiliza a outra. O artigo 1º dos anais da Conferência Mundial do Ensino Superior de 1998, citado neste trabalho destaca a missão do ensino superior de “contribuir na proteção e consolidação dos valores da sociedade” e “desempenhar seu papel na identificação e tratamento dos problemas que afetam o bem-estar das comunidades, nações e da sociedade global”. O Professor F corrobora esse pensamento, ao afirmar que a educação universitária tem que ser também formadora de consciência política.

O Professor G reconhece também não ter qualquer interação com os professores do ciclo básico do curso, que abarca grande parte das disciplinas humanas do currículo, e que não sabe quais conteúdos desse período podem ser usados nas disciplinas subsequentes do curso. Sem saber fazer a ligação entre os conteúdos das ciências humanas às ciências administrativas, os próprios docentes podem estabelecer um entrave à formação humanista do Administrador, que se dá não necessariamente na inclusão de disciplinas das ciências humanas na grade curricular do curso, mas, sobretudo, de se recorrer constantemente a essas ciências na contextualização e problematização das teorias administrativas. Nesse sentido, o Professor C destaca que os alunos também não são capazes de, ao final do curso, relacionar as bases de formação geral e profissionalizante.

O Professor H expõe diferentes justificativas para seu posicionamento, dentre as quais, que a formação humana deve vir de casa ou da escola primária e secundária, e que o próprio aluno tem que aprender a buscar em outras áreas de conhecimento o conhecimento necessário, não esperando que as coisas sejam dadas na graduação.

Ora, sobre a primeira justificativa, é ilusório pensar que o estudante de administração receberá dos pais ou da escola fundamental todos saberes necessários para uma reflexão legítima, ou seja, de causas dos problemas enfrentados pela sociedade atual. A universidade não é única, mas co-responsável na promoção dessa reflexão junto aos outros espaços de relações sociais dos indivíduos, como a família, a escola, a imprensa.

Quanto a responsabilidade do aluno na sua integração com outros campos do conhecimento além das ciências sociais aplicadas, o próprio Professor H e outros docentes destacam, em outras falas, o papel do docente universitário de ser um facilitador, um provocador, e de continuamente desafiar o aluno para a busca da interdisciplinaridade, da capacidade de fazer análises mais construtivas. Ora, não deve partir também do docente a provocação nesse sentido, de busca pela integração com as ciências humanas? E por que não ser um facilitador dessa integração ao oportunizar a inserção das ciências humanas em sala de aula, nas disciplinas que leciona? Pelo contrário, o professor transfere a iniciativa de busca unicamente ao aluno, mesmo sabendo que na prática isso não se concretiza, pois o próprio Professor H afirma que seus alunos não procuram outros espaços pra poder discutir, debater. Nesse sentido, o professor pode acabar agindo como um “dificultador” a essa integração.

O Professor I parte do mesmo pensamento e afirma que o aluno deve procurar na formação aberta (ou seja, a parcela de disciplinas não pré-estabelecidas) a formação que ele quer. Para o Professor I, a universidade se incumba da formação, enquanto a formação humana, que ele relaciona à educação, “vem de berço”. Ele ainda destaca a liberdade que os professores têm no ensino e que pode comprometer essa formação humanista do administrador, uma vez que eles gostam de ensinar aquilo que gostam. Segundo ele, os professores têm

II Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

Florianópolis - SC - Brasil (Março/2012)

espaço para inserir o conhecimento humanista no curso de Administração e se não o fazem é porque não têm interesse nisso.

Mesmo ao refletir na importância da formação humanista para o administrador, o Professor I afirma que esse profissional deve ter uma visão humanista do seu ambiente de trabalho, talvez atrelando mais uma vez a formação do administrador essencialmente às necessidades da profissão e não numa escala maior de vivência do indivíduo.

O Professor J encara a formação humanista como mais uma possibilidade de especialização do estudante universitário. Para ele, nem todos os alunos de Administração querem esse aprofundamento humanista, e se for constatada uma demanda pelo mesmo, deve-se criar um curso voltado para essa ênfase. Talvez isso demonstre a forma indireta como o mercado capitalista e competitivo influencia a formação superior, incutindo nos jovens a preocupação com a empregabilidade e seus critérios de seleção dos indivíduos, os quais posteriormente exercerão pressão sobre as instituições de ensino para orientarem o ensino às suas necessidades. O Professor C confirma esse fenômeno e afirma que uma proposta de aprofundamento da formação humanista dos administradores esbarra nos alunos, que são pouco receptivos a essa possibilidade.

Ao comentar sobre uma maior aproximação da história com o curso de Administração, o Professor J usa um exemplo curioso: ele afirma que ao estudar a Administração, é impossível que você não faça uma contextualização de que, por exemplo, no começo do século passado, Ford desenvolveu um sistema de metrologia dentro de sua empresa. Talvez haja nessa fala a evidência de um pensamento fechado na administração, que subestime a necessidade do administrador contextualizar-se numa história geral, complexa, que inclusive pode levá-lo a questionar sua própria profissão e o sistema que a mantém. Isso se corrobora na fala do mesmo professor ao ser questionado sobre o papel da formação superior em disseminar o conhecimento de princípios universais, como a democracia e os direitos humanos. O professor restringe-se a pensar no ambiente de trabalho, afirmando que o curso não tem nenhum foco pra resolver certas questões específicas, mas que busca despertar os alunos para, por exemplo, a ética nos negócios, a pluralidade e diversidade dentro das organizações, para entender que as pessoas são diferentes. Ou seja, além do docente considerar temas como a democracia e os direitos humanos mais específicos que, por exemplo, a diversidade dentro das organizações, o que é questionável, talvez ele não se atente, por exemplo, ao fato do esforço pela igualdade entre homens e mulheres na sociedade (o que remete à diversidade dentro das organizações) ou da promoção do progresso social (o que remete à ética nos negócios) tenham sua defesa máxima na Declaração Universal dos Direitos Humanos de 1948. Nesse sentido, torna-se inútil esse “despertar” dos alunos de administração para os dilemas enfrentados na profissão, pois a capacidade de pensar criticamente e posicionar-se conscientemente diante dos mesmos fica comprometida quando tais dilemas não são tratados profundamente em sua raiz histórica e contexto social.

É interessante notar também que tanto o Professor I quanto o Professor J fazem um paralelo entre um aprofundamento na formação humanista em Administração e uma experiência interdisciplinar entre a Administração e a Música como exemplo, apesar de serem experiências interdisciplinares cujos objetivos são totalmente distintos.

Ainda é possível identificar a influência, mesmo que indireta, do pensamento neoliberal e desenvolvimentista na visão desses docentes sobre a formação superior. O Professor G afirma que bons profissionais tendem a reduzir a desigualdade social, apesar de este não ser um fator de causa e efeito. É nesse sentido também que ele afirma que o papel da formação superior é estritamente formar recursos humanos com capacitação técnica para o desenvolvimento do país. O Professor J concorda com esse pensamento ao afirmar que a universidade cumpre seu papel quando, por exemplo, um médico recebe uma formação que o capacita a

II Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

Florianópolis - SC - Brasil (Março/2012)

desenvolver um bom trabalho enquanto profissional. Mesmo o Professor A, que concorda com a necessidade de um aprofundamento na formação humanista do administrador, afirma que a formação dá subsídios para o indivíduo seguir uma profissão, conseqüentemente criando pilares pro desenvolvimento da sociedade, uma vez que os diferentes profissionais irão, de alguma forma, gerir esse desenvolvimento.

O Professor D confirma esse pensamento no corpo docente da faculdade ao comentar sobre a formação dos administradores na FACE-UFMG, afirmando que o curso de Administração da instituição é voltado para a atuação em empresas privadas, partindo do pressuposto de que os lucros das empresas se reverteriam em mais empregos, gerando melhores salários e assim sucessivamente, até contribuir para o desenvolvimento social. Mas o professor alerta para o risco dessa formação tecnicista, que não favorece o amadurecimento humano das pessoas, mas leva a um empobrecimento da formação cultural e risco de bitolamento.

O Professor B destaca o antagonismo entre uma educação voltada para o mercado de trabalho e a voltada para a sociedade. Para ele, virtualmente, vários cursos de Administração formam verdadeiros psicopatas, comprometidos com o alcance estrito de resultados e que não pesam ou refletem numa decisão de sérias implicações sociais, como demitir duas mil pessoas ou fechar unidades de negócio. Esse profissional, na sua opinião, se desumaniza para ser capaz de trabalhar. Na sua visão ainda, há um forte apelo do setor empresarial de que os profissionais formados pela universidade saiam prontos para prestar um serviço imediatamente útil, instrumentalmente necessário e utilizado pelo sistema econômico. Para ele, se este é o objetivo a universidade, então não há motivos para esses profissionais serem críticos, humanizados e comprometidos com a sociedade, uma vez que a atuação dos administradores será aplicada do ponto de vista econômico e não no sentido de responder as demandas da sociedade. Ou seja, para o Professor B, interesses econômicos e sociais podem ser conflitantes, o que vai de encontro a uma visão mais neoliberal e desenvolvimentista.

Há que se destacar que a promoção da empregabilidade e competitividade das escolas de ensino superior, a exemplo do Processo de Bolonha de 1999 na Europa, que a fomenta, é uma mudança inevitável diante das demandas do mercado global (HORTALE e MORA, 2004). No entanto, mesmo direcionada para a diplomação em diferentes profissões, que deve ser eficaz, a educação superior deve orientar-se a contribuir para uma cidadania mais consciente e melhor informada dos estudantes, que faz melhores escolhas eleitorais, participa da política e assegura como resultado que o governo seja mais responsável (PELCZYNSKI, 1984). E essa contribuição pode não efetivar-se numa formação especialista e profissionalizante, pois ela requer o estudo e reflexão em campos de conhecimentos mais abrangentes, como nas ciências humanas. Nesse sentido, formação cidadã e formação humanista se relacionam.

Nessa linha de pensamento é que se justificam os docentes entrevistados que vêem a necessidade de um aprofundamento da formação humanista no curso de Administração, em geral, em conformidade com a própria literatura que este trabalho revisa. Como exemplos, o Professor B vê esse aprofundamento como uma maneira de problematizar uma legião de administradores sem consciência social. Já o Professor C afirma que não há possibilidade de uma melhora na situação geral do mundo se adentram ao mercado administradores que não têm nenhuma sensibilidade pras questões sociais, pois esses profissionais irão tomar decisões dentro do critério estreito de maximização e lucratividade das empresas, sem uma visão sistêmica, ampla das conseqüências das suas decisões.

O Professor D destaca a possibilidade de inserção das ciências humanas dentro das especialidades da Administração, como por exemplo, aprofundando os conhecimentos de economia pros alunos que se direcionarão á gestão estratégica, ou de psicologia e estudos re-

II Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

Florianópolis - SC - Brasil (Março/2012)

lacionais para aqueles que pretendem trabalhar com recursos humanos. Nessa fala do Professor D, surge uma possibilidade de equilíbrio desse aprofundamento que foge do meio termo no curso de Administração entre formação humanista e formação tecnicista, mas que fortalece ambos os extremos. O Professor C defende a idéia de integração da maior inserção de disciplinas das ciências humanas no curso, que ofereça uma formação sólida em, por exemplo, humanidades, matemática, em vários domínios do conhecimento, conjugada com um direcionamento ainda mais especializado do estudante, ou seja, “um foco profissionalizante. Complementariamente, a FACE-UFMG ainda poderia fortalecer as experiências extracurriculares dos estudantes, uma vez que, na opinião do Professor C, a realidade da gestão é muito aprendida na prática da gestão. Ou seja, o que esses docentes defendem é um aprofundamento da formação humanista junto a uma maior especialização e vivência prática do estudante de administração.

Mas a falta de diálogo entre os docentes, destacada pelos próprios em suas falas talvez seja o maior entrave para a implementação de melhorias no curso que agrade ambas as linhas de pensamento. O Professor H afirma ter colegas de “corredor” que não “toleram” tratar de outros assuntos que não sejam os de seu campo de pesquisa. O Professor C confirma essa realidade, afirmando que as atuações são muito individuais, o que faz com que a fragmentação do curso persista. Para ele, não há uma reflexão conjunta ou um projeto pedagógico em relação a isso, havendo às vezes um domínio da posição mais funcionalista e positivista, já que ela, fragmentalmente, “aqui e ali”, vai se manifestando e tomando corpo.

A falta de diálogo entre docentes pode ser um dos resultados negativos do próprio processo de especialização, que atingiu não só a graduação, mas também a academia: cada professor se fecha no campo de conhecimento de suas pesquisas e disciplinas. Daí resulta, por exemplo, a fragmentação e incapacidade em ser interdisciplinar do curso da FACE-UFMG na visão da maior parte dos docentes.

Nesse aspecto, é interessante constatar que um mesmo docente que tece duras críticas ao corpo docente da FACE-UFMG por essa falta de diálogo interno, de integração dos diferentes campos de conhecimento seja o mesmo que defenda a profunda especialização dos administradores. Ora, se parte desses estudantes especializados serão os futuros acadêmicos, então a perspectiva talvez seja de perpetuação dessa fragmentação, uma vez que os alunos já foram adestrados à especialidade teórica e técnica desde a sua graduação.

Sobre os conceitos articulados durante as entrevistas, como os de Universidade, Formação Superior e Formação Humanista, surgem visões bastante distintas nas falas dos diferentes docentes.

Sobre a universidade, predomina a visão de uma instituição que abriga diferentes idéias, sendo associada pelos docentes aos conceitos de “liberdade”, “diversidade” e “pluralidade”. Apesar de ser considerada pelos entrevistados, em geral, um espaço de construção do conhecimento, não houve referência à promoção de um embate de idéias pela universidade. No entanto, alguns autores, como Tobias (1969) defendem a universidade primariamente como o espaço de busca das verdades universais, ou seja, das teorias que passaram pelo crivo da dúvida e da crítica e se elevaram ao nível de ciência. Não que haja nessa visão um desrespeito à diversidade, pelo contrário, ela é necessária à construção do conhecimento, mas do conhecimento científico, que nem sempre é novo, mas pode advir da correção ou expansão de conhecimentos já existentes. Quanto maior a problematização do conhecimento num exercício coletivo, em detrimento de atuações individuais, maior a construção do saber. É nesse papel que “o discurso científico da história segue as regras da crítica das fontes, da análise e da interpretação” (ROHDEN, 2002, pág. 90 e 91). Nesse sentido, o Professor C, ao refletir sobre a fragmentação do curso de Administração da UFMG, adverte sobre a impossibilidade de se

II Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

Florianópolis - SC - Brasil (Março/2012)

fazer um curso mais integrado diante da diversidade de visões, uma vez que é preciso preservá-las.

As falas dos docentes ainda parecem conflitantes quando estabelecem visões distintas sobre a formação superior, que ora “tem que construir o profissional completo, pra atender as demandas e exigências do mercado”, ora “está aí exatamente pra formar uma massa crítica”.

Um ponto a se destacar é que várias das habilidades requeridas dos profissionais administradores hoje e que foram citadas pelos docentes, como “flexibilidade”, “capacidade de tomar decisões sob pressão” e “capacidade analítica” advém também de uma boa formação humana. Sem o entendimento da razão histórica pela qual a sociedade se configura como está hoje e das relações sociais que permeiam esse sistema, não há conhecimento ao qual recorrer na necessidade do administrador entender as mudanças rápidas e inesperadas das organizações e dos mercados onde as mesmas se inserem (CHIAVENATO, 2000), tomando decisões eficazes.

É interessante observar também a fala do Professor H ao destacar melhorias que, na sua visão, são necessárias ao curso de Administração da FACE-UFMG. Para o professor, o corpo docente da FACE se encontra “estrupeado” devido à carga de trabalho muito intensa. O professor denuncia ainda um sistema de “castas”, instaurado pelos próprios docentes da faculdade no qual aqueles que não conseguem alcançar as metas de produção acadêmica estabelecidas pela Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) recebem uma espécie de “punição”: dar aula somente aos alunos de graduação. O mesmo professor, no entanto, defende uma formação crítica e reflexiva dos estudantes de Administração desde que orientada para resultados, “que para o *business*, é a riqueza da nação, riqueza do acionista, riqueza do proprietário”, nas suas próprias palavras.

Essa observação é interessante porque a Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), ao exigir dos docentes cada vez mais produção acadêmica e levá-los a uma situação de excesso de trabalho, se assim o faz, nada mais segue do que a própria lógica do “*business*”: orientação para resultados. Por que a postura desse professor em relação a esse sistema é de reivindicação quando se trata do profissional professor e de conformismo quando do profissional administrador? Além disso, que conhecimentos (ou formação) o docente detém que o possibilita refletir na condição de sua profissão? O administrador é capaz de refletir da mesma forma? Se os administradores também trabalham muitas vezes “estrupeados”, o curso deveria os levar apenas a saberem lidar com essa realidade ou também a questioná-la?

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo geral deste trabalho foi verificar a visão dos docentes de Administração da FACE-UFMG sobre a formação humanista no curso de Administração. Deste modo, as falas dos sujeitos entrevistados mostram que o objetivo da pesquisa foi alcançado ao identificar que todos os entrevistados concordam na importância da formação humanista do administrador. No entanto, enquanto seis professores declaram acreditar que seja necessário um maior aprofundamento dessa formação humanista no curso, quatro professores não vêem essa necessidade.

As idéias que permeiam esse posicionamento também foram captadas quando outros conceitos foram discutidos e explicam a divergência de opiniões: universidade e formação superior são vistas ora oferecendo “*técnicas*”, ora “*emancipação*”; o docente é visto ora como “*instrutor*”, ora como “*facilitador*” ou ambos; afirma-se, sobre a administração como



II Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

Florianópolis - SC - Brasil (Março/2012)

profissão, que ela é um “*campo muito fértil*”, mas que é “*ainda pouco reconhecida*”, ou ainda que “*a Administração não é uma profissão, ela é uma prática*”. Ou seja, pode-se afirmar que não há homogeneidade na visão dos docentes da FACE-UFMG sobre a formação do administrador.

Vale ressaltar que as perguntas feitas aos entrevistados utilizaram de diferentes termos para se referirem à formação mais profunda nos conhecimentos advindos das ciências humanas. Apesar do termo “*formação humana*” estar dentro de um contexto temático abordado nas entrevistas, ou seja, referindo-se às “*ciências humanas*”, alguns professores entenderam essa formação como a educação do indivíduo, a formação de valores e personalidade vinda dos outros âmbitos de educação (família, escola). Talvez este trabalho não tenha realmente distinguido o uso dos termos formação humana, humanista ou humanística, o que pode causar certa confusão, mas a própria literatura utiliza-se dessas diferentes nomenclaturas para se referir à formação em humanidades. Mas esse desentendimento não contaminou o resultado da pesquisa, pelo contrário, trouxe à luz as visões dos docentes sobre a formação superior de forma ampla, o que auxilia no entendimento de seus posicionamentos em relação ao questionamento principal deste trabalho. Outros aspectos que já haviam sido relacionados à formação humanista na revisão literária deste trabalho também surgiram nas falas dos entrevistados: a formação cidadã, a formação crítica, a conscientização política, a consolidação de valores universais, como a democracia, entre outros. São conceitos distintos, mas entrelaçados, uma vez que as ciências humanas, em geral, é que contemplam os conhecimentos fundamentais para que esses outros âmbitos da educação de um indivíduo se manifestem.

Apenas no último momento da entrevista as perguntas referiam-se especificamente ao curso de Administração da FACE-UFMG, no intuito de levar os docentes à reflexão sobre o seu próprio ambiente de trabalho e, assim, fazer vir à luz suas visões sobre os conceitos que envolvem a formação humanista; nos demais momentos os docentes foram indagados sobre conceitos gerais de universidade, formação superior, curso superior de Administração e docência no ensino superior. Apesar dessa divisão, em todos os momentos da entrevista os docentes se remeteram ao curso da FACE-UFMG, ou para aproximarem-se da realidade de formação superior mais próxima, facilitando a reflexão, ou dando exemplos.

A revisão literária deste trabalho e a visão da maior parte dos entrevistados permitem afirmar que a formação que envereda pelas ciências humanas é possivelmente mais capaz de contextualizar qualquer profissão em sua origem histórica e em seu papel social na atual conjuntura econômica vigente. A formação humanista ainda trás conhecimentos e reflexões que podem contribuir para o exercício da cidadania, para a participação plena na sociedade em todas as suas implicações. As ciências humanas também possibilitam o entendimento dos problemas sociais e o desenvolvimento de soluções factíveis. Ou seja, ela pode ser considerada essencial em qualquer curso superior e especialmente nos cursos de Administração, pela sua importância na educação brasileira (é atualmente o curso superior com maior número de estudantes matriculados) e pela relevância da profissão, uma vez que ela se dá nas diversas organizações, centros de poder e decisão.

As falas dos docentes evidenciam limitações ao aprofundamento da formação humanista no curso de Administração: primeiro, porque ele depende, em grande parte, de sua adesão por parte dos docentes do curso de Administração, que constroem o processo de ensino e aprendizagem dentro e fora das salas de aula, e existe a discordância de alguns docentes da necessidade desse aprofundamento; segundo, pela falta de integração desses docentes num esforço coletivo, que seja capaz de conciliar as diferentes visões em prol desse aprofundamento humanista; terceiro, pelas outras barreiras a este processo, como a resistência dos alunos, as limitações estruturais da universidade e as demandas do mercado de trabalho que pressionam por uma formação ágil e profissionalizante.

II Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

Florianópolis - SC - Brasil (Março/2012)

Reconhece-se que o estudo aqui apresentado possui limitações. Dentre elas, o fato de terem sido entrevistados apenas docentes de um curso de Administração, concentrado em uma universidade. Outros estudos podem enriquecer o debate com campos de pesquisa mais amplos, incluindo professores de outros cursos, de instituições públicas e particulares, ou mesmo estudantes de Administração, que tragam um olhar diferente da dos docentes sobre sua formação.

REFERÊNCIAS

ADAUTO, N. (org.). **O Silêncio dos intelectuais**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

BATISTA-DOS-SANTOS, Ana Cristina et al. **Com a Palavra os Alunos de Administração: Uma escuta ao Discurso Docente sobre Universidade, Curso, Administração e Administrador**. In: II Encontro de Ensino e Pesquisa em Administração e Contabilidade, Curitiba, 2009.

BRESSER-PEREIRA, Luiz Carlos. **O administrador profissional e as perspectivas da sociedade brasileira**. Revista de Administração de Empresas, da Fundação Getúlio Vargas, 1966.

BUSS, Ricardo; REINERT, José. **O Humanismo na Formação do Administrador**, 2008. Disponível em: <http://admtlnoturno.blogspot.com/2010/05/o-humanismo-na-formaçãodo.html>, 2008. Acesso em 09 jun. 2011.

CARVALHO, José Luís Fenício et al. **A Universidade como (Re)Produtora de Estruturas de Significados: uma Análise Semiótica**. Revista ADM.MADE, ano 10, v.14, n.1, p.1-21, janeiro/abril, 2010.

CHERVEL, André; COMPÈRE, Maria Madeleine. **As Humanidades no ensino**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 25, n. 2, p. 149-170, jul./dez. 1999.

CHIAVENATO, Idalberto. **Introdução à Teoria Geral da Administração**. 6 ed. Rio de Janeiro: Campus, 2000.

CONNOR, Steven. **Cultura pós-moderna: introdução às teorias do contemporâneo**. Edições Loyola, São Paulo, 2004.

CUNHA, Alexandre Mendes; GOMES, Alex Sandro da Silva. **O ensino de Humanidades da formação do Administrador frente os movimentos de integração internacional: uma proposta de mudança curricular para a FACE-UFMG**. Disponível em: http://www.angrad.org.br/area_cientifica/artigos/o_ensino_de_humanidades_da_formacao_do_administrador_frente_os_movimentos_de_integracao_internacional_uma_proposta_de_mudanca_curricular_para_a_faceufmg/590/. Acesso em 12 jun. 2011.

FOUCAULT, M. **A Ordem do Discurso**. 15. ed. São Paulo: Loyola, 2007.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar - como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais**. Rio de Janeiro/São Paulo: Editora Record, 1997.



II Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

Florianópolis - SC - Brasil (Março/2012)

GROHMANN, M. **Reflexões sobre uma aprendizagem organizacional (parcialmente?) construtivista.** In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO, 27, 2003. Anais... Atibaia: Anpad, 2003.

HAIR Jr., Joseph F.; BABIN, Barry; MONEY, Arthur H.; SAMOUEL, Phillip. **Fundamentos de Métodos de Pesquisa em Administração.** Porto Alegre: Bookman, 2005

HORTALE; MORA. **Tendências das reformas da educação superior na Europa no contexto do processo de Bolonha.** Educ.Soc., Campinas, vol.25, n.88, Especial – Out, 2004.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Introdução às Ciências Sociais.** 2ed – Campinas, SP: Papirus, 1988.

PAULA, Ana Paula Paes de. **Reflexões sobre a Indústria Cultural e o Ensino em Administração.** Revista Brasileira de Docência, Ensino e Pesquisa em Administração, EDIÇÃO ESPECIAL - Vol. 1, n. 2, Julho/2009.

PAULA, Ana Paula Paes de; RODRIGUES, Marco Aurélio. **Pedagogia Crítica no Ensino de Administração: Desafios e Possibilidades.** Revista RAE, vol.46, Edição especial, 2006.

PELCZYNSKI, A.Z. **"The Significance of Hegel's separation of the state and civil society"**. pp1-13 em Pelczynski, A.Z. (ed.), *The State and Civil Society*; Cambridge University Press, 1984. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Sociedade_civil. Acesso em 31 de set. 2011.

PIMENTA, Selma Garrido; ANASTASIOU, Léa das Graças Camargos. **Docência no Ensino Superior.** 3ed, São Paulo: Cortez, 2008.

QUARESMA, Sílvia Jurema; BONI, Valdete. **Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais.** Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC. Vol. 2 nº 1 (3), janeiro-julho/2005.

RODRIGUES, Celso Luiz Lopes. **O valor da Universidade em função da formação superior.** La Insígnia, Brasil, julho de 2007. Disponível em: http://www.lainsignia.org/2007/julio/cul_025.htm. Acesso dia 08 jun. 2011.

ROHDEN, Valerio. **Idéias de Universidade.** Canoas: Ed.ULBRA, 2002.

SOUZA, E.M. **Crises e desafios no ensino superior no Brasil.** Fortaleza: UFC, 1980.

SOUZA-SILVA, Jader C. de; DAVEL, Eduardo. **Concepções, Práticas e Desafios na formação do professor: examinando o caso do ensino superior de Administração no Brasil.** Revista O&S - v.12 - n.35 - Outubro/Dezembro, 2005.

TEIXEIRA, Anísio. **Ensino Superior no Brasil.** Rio de Janeiro. Fundação Getúlio Vargas, 1989.



II Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

Florianópolis - SC - Brasil (Março/2012)

TENDÊNCIAS DA EDUCAÇÃO SUPERIOR PARA O SÉC. XXI. Anais da Conferência Mundial do Ensino Superior realizada em Paris de 05 a 09 de outubro de 1998, 2ª Edição. Brasília: UNESCO/CRUB, 1999.

TORDINO, Cláudio Antônio. **Formação em Administração em perspectiva: A graduação em Administração no Brasil no quarto de século.** 2009. 424 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

TOBIAS, José Antonio. **UNIVERSIDADE: Humanismo ou Técnica?** Editora Herder, São Paulo, 1969.